

Be Fu**ing Perfect

à procura
da perfeição

Chiara Pussetti

COM A PARTICIPAÇÃO DE

Isabel Pires
Federica Manfredi
Giorgio Gristina



Projeto editorial do CRIA / editorial project by
Centro em Rede de Investigação em Antropologia

DIREÇÃO / EDITORS-IN-CHIEF:
Luís Cunha e Antónia Pedroso de Lima

SECRETARIADO / SECRETARIAT:
Mónica Rodrigues

TÍTULO / TITLE:
Be Fu**ing Perfect.
À procura da perfeição – da dieta à cirurgia plástica
In search of perfection – from diet to plastic surgery

AUTOR / AUTHOR:
Chiara Pussetti *et al.*

DESIGN DA PUBLICAÇÃO / BOOK DESIGN:
António Faria

MODELO DE CAPA / COVER MODEL:
Pedro Mota

EDITORA / PUBLISHER:
Etnográfica Press

ISBN:
978-989-35508-1-6

COLEÇÃO / COLLECTION:
Etnográfica Books

Abordando uma grande diversidade de contextos etnográficos,
a coleção Etnográfica Books privilegia a qualidade da pesquisa empírica,
a diversidade de perspetivas analíticas e a inovação teórica.
A coleção edita livros em quatro línguas cuja coexistência representa uma das
originalidades da Etnográfica Press (português, inglês, francês, castelhano).

*The Etnográfica Books collection addresses a wide range of ethnographic contexts,
favouring the quality of empirical research, the diversity of analytical perspectives
and theoretical innovation. The collection publishes books in four languages,
the coexistence of which is one of the original characteristics of Etnográfica Press
(Portuguese, English, French, Spanish).*



CRIA



Fundação
para a Ciência

Esta obra é financiada por fundos nacionais através do FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento às unidades de I&D /
this work is financed by national funds through
within the scope of funding for R&D units (UID/04038/2020)



à procura
da perfeição
da dieta
à cirurgia
plástica

Chiara Pussetti

COM A PARTICIPAÇÃO DE

Isabel Pires
Federica Manfredi
Giorgio Gristina



Prefácio/ Foreword

Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 6

Agradecimentos/ Acknowledgments

PÁG./PAGE 14

1.

AM I PERFECT NOW?

Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 17

2.

BEAUTY IS PAIN.
WE SUFFER FOR THE BEAUTY

Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 25

3.

JUVENTUDE INJETÁVEL:
BIOTECNOLOGIAS LÍQUIDAS
E PROMESSAS DE
JUVENTUDE ETERNA
INJECTABLE YOUTH:
LIQUID BIOTECHNOLOGIES AND
PROMISES OF ETERNAL YOUTH

Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 31

4.

O PESO DAS NORMAS
- DA GORDOFOBIA
E DOS LIMITES SOCIAIS
THE WEIGHT OF STANDARDS
- ABOUT FATPHOBIA
AND SOCIAL LIMITS

Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 39

5.

BRANQUEAMENTO DE PELE
SKIN BLEACHING

Isabel Pires, Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 49

6.

DELICATESSEN

Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 53

7.

GET OUT OF THE
FU**ING CLOSET!

Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 59

8.

BIOHACKING

Federica Manfredi, Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 69

9.

COGNITIVE ENHANCEMENT

Giorgio Gristina, Chiara Pussetti
PÁG./PAGE 75

10.

EVĪJA LAIVĪNA
ESSAY & PORTFOLIO

Chiara Pussetti, Evija Laivina
PÁG./PAGE 80

11.

JESSICA LEDWICH
ESSAY & PORTFOLIO

Chiara Pussetti, Jessica Ledwich
PÁG./PAGE 94

12.

CURTO DOCUMENTÁRIO
SHORT DOCUMENTARY

Francesco Dragone (realizador/director)
PÁG./PAGE 108

13

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO
EXHIBITION TECHNICAL DATA

PÁG./PAGE 110

Prefácio Foreword

Chiara Pussetti

Este texto nasce para cumprir diversos propósitos.

Em primeiro lugar, quer servir como catálogo da exposição *Be Fu**ing Perfect* que - através de diferentes lentes e linguagens, entre a antropologia e a arte - apresentou os resultados do projeto EXCEL: The Pursuit of Excellence. Biotecnologias, Enhancement e Capital Corporal em Portugal, que coordenei nos últimos quatro anos no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O título da exposição, *Be Fu**ing Perfect*, alude ironicamente à "busca da excelência e da perfeição" inerente à nossa sociedade liberal contemporânea, assente no imperativo da autovigilância para disciplinar o corpo através de várias formas de manipulação e autorresponsabilização através da aquisição de recursos em prol do sucesso pessoal num regime competitivo.

Em segundo lugar, quer resumir os temas principais do projeto EXCEL, dedicado aos desejos, imaginários e práticas do melhoramento humano em Portugal, assim como a história da minha colaboração com duas artistas excepcionais, Evija Laivina (<http://www.evijalaivina.com>) e Jessica Ledwich (www.jessicaledwich.com). A nossa ambição comum não era propor uma 'ilustração' artística dos resultados da investigação etnográfica. A nossa colaboração nasceu para provocar reações, para discutir as expectativas que temos sobre os nossos próprios corpos e os corpos dos outros com o mais amplo público, fora da academia, tornando o nosso trabalho mais acessível e também mais responsável.

Em terceiro lugar, este volume quer chegar a um público jovem porque é nesta faixa etária que as pessoas são particularmente vulneráveis à violência de padrões de corpo e beleza normativos. A adolescência é o período em que as pessoas começam a ter consciência do valor da aparência e a moldar o seu aspecto para corresponder a expectativas sociais extremamente exigentes e até irrealistas. É nesta idade que apreendemos que a beleza é importante. É simultaneamente um objetivo ideal ambicionado e uma espécie de obrigação moral, e gastamos muito tempo e dinheiro para a alcançar. Independentemente da classe social ou do estatuto económico, a aparência é importante para todos nós - homens, mulheres, indivíduos não binários ou genderqueer. Contudo, no meu trabalho centrei-me sobretudo no corpo feminino.

Embora as preocupações estéticas também sejam importantes para os sujeitos masculinos, existe uma diferença de género na quantidade de tempo e nos recursos financeiros que as mulheres investem no trabalho de beleza. As utopias do corpo perfeito e da juventude eterna estão firmemente enraizadas em definições moralizadoras das normas de género. As mulheres estão sob pressão normativa para assumirem a responsabilidade pelos seus corpos e para investirem na sua manutenção e melhoria constantes. O corpo feminino é o campo de batalha. Todas nós somos "guerreiras da beleza", citando o título do projeto de Evija, para nos aproximarmos de um ideal de feminilidade que Jessica descreve como o "feminino monstruoso". Com um forte olhar feminista e crítico, os projetos fotográficos das duas artistas deram um contributo essencial para repensar as formas como vivemos a nossa corporeidade e para refletir sobre a violência dos ideais estéticos que reproduzem estruturas de desigualdade e diferenciação na era da perfeição.

Este volume apresenta os principais tópicos do projeto e emprega imagens provocativas para estimular a reflexão sobre as complexas relações entre os social media, a cultura visual contemporânea, a política da autorrepresentação (ou da selfie) e as normas que distinguem os corpos “que têm valor” dos outros.

Numa era em que a tecnologia permite e incentiva a partilha, a visualização e a duplicação instantâneas das imagens, através da estética deste volume o desafio é refletir sobre a inseparabilidade e interdependência imagem/corpo, observando o duplo processo de consumo de imagens do corpo ideal e de transformação do corpo em matéria transformável, consumível e publicamente exibida. Imagens e textos alternam-se para reproduzir um efeito semelhante ao dos posts de Instagram. Num post de Instagram, nem as legendas nem as imagens são uma mera transcrição do outro: texto e imagem podem até criar contrastes irônicos e dissonâncias, para estimular diferentes interpretações. As imagens podem ser usadas como narrativas para fazer declarações sobre o corpo - ilustrando as suas realidades, tensões e políticas mais íntimas. As imagens podem reforçar ou desafiar o texto, criando significados discordantes, perturbando as nossas certezas e subvertendo a realidade.

As fotografias de Evija mostram mulheres em poses clássicas, elegantes e serenas na sua imobilidade, usando dispositivos de embelezamento que parecem instrumentos de tortura. As modelos que usam estes dispositivos de modelação do corpo olham para o espaço, parecendo aderir obedientemente à conformidade e disciplina exigidas pela sociedade, enquanto os moldes de plástico enquadram as suas fisionomias de uma forma grotesca. Os seus retratos - no espaço da imaginação que se situa entre a ironia e a violência - pretendem desnaturalizar a nossa procura global de corpos “melhores”, aludindo a procedimentos disciplinares ortopédicos invasivos e violentos, tornando assim particularmente perturbador o processo pelo qual produzimos a beleza humana. Com imagens provocadoras de corpos constrangidos por aparelhos corretivos, a artista revela a mise-en-scène da feminilidade, que só é alcançada através de práticas disciplinares de controlo do tamanho, da forma, da superfície e dos movimentos do corpo, para depois o exibir como elemento ornamental.

As fotografias de Jessica, da mesma forma, oscilam entre o grotesco e o absurdo. Usando o seu próprio corpo como tela, Jessica explora as coisas monstruosas que as mulheres fazem a si próprias na busca da beleza e da perfeição. Numa fotografia, alisa uma perna com uma lixadora elétrica Bosch; noutra, aspira a gordura das coxias com um aspirador doméstico. Jessica explora o estranho, o abjeto e muitas vezes o irracional para desmascarar o lado mais complexo do comportamento humano, analisando as suas perversidades para destilar este estranho fenómeno a que chamamos “cultura”. “Sou perfeito agora?” Esta pergunta ecoa em cada imagem que Jessica produz. O leitor irá colocar a questão a si próprio, observando as imagens perturbadoras de Jessica. A beleza a qualquer preço implica sofrimento, sacrifício, esforço, disciplina e riscos. Jessica, que tem uma aparência completamente normativa (é jovem, alta, magra e branca, com uma fisionomia harmoniosa e simétrica), mostra no seu projeto *Monstrous Feminine* que mesmo uma pessoa que corresponde aos ideais hegemónicos paga elevados custos económicos, psicológicos e físicos para aderir a estes padrões muito exclusivos.

Todos nós somos constantemente bombardeados por mensagens que reforçam a necessidade de "disciplinar" e "domesticar" o nosso corpo - as suas formas, peso, cheiros, fluidos, apetites, contornos, excrescências, a pele que o cobre - de modo a aproximá-lo de um "ideal" de beleza ao qual, na realidade, poucas pessoas correspondem. Os "outros corpos" - não brancos, não jovens, não magros, não cisgênero, não portadores de deficiência, não normativos nas suas funções - são reduzidos a "defeitos" que têm de ser corrigidos, reforçando as estruturas preexistentes de desigualdade, diferenciação e discriminação.

As rugas, a gordura corporal, a celulite, a flacidez da pele, o envelhecimento do cabelo, as manchas na pele e todas as outras alterações físicas que acompanham o envelhecimento devem ser combatidas com a manutenção energética do corpo através das indústrias médico-estética, cosmética, de fitness e de "alimentos saudáveis" (como dietas, superalimentos e suplementos milagrosos). A indústria da beleza lembra-nos que se fossemos mais magros, mais firmes, mais suaves e mais jovens, seríamos melhores; teríamos uma relação mais apaixonada, uma carreira melhor, mais amigos e sucesso; seríamos mais felizes. Se não for capaz de "reparar", de "corrigir", de "consertar" os seus "problemas" estéticos e de "resolver" os sinais de envelhecimento do corpo, deve considerar-se um fracasso.

Filmes, anúncios, revistas, contas de redes sociais e sítios Web retratam pessoas bonitas e magras segundo padrões eurocentrado como sendo o ideal. Estamos constantemente expostos a mensagens mais ou menos subtis sobre o corpo "ideal" e a representações irrealistas e inatingíveis da beleza. Observamos hoje o mundo através de filtros e manipulação digital e assim comparamos os nossos corpos com ideais que não existem na realidade. Esta é uma batalha perdida: nunca saremos suficientes porque os parâmetros estão constantemente a ser redefinidos, mudando de acordo com as novas tendências e os interesses da indústria da beleza. A discrepância entre o ideal e o real gera insatisfação, sofrimento e medo. E, numa sociedade capitalista, ambos equivalem a oportunidades de lucro. Os adolescentes, em particular as raparigas, são vítimas fáceis de uma indústria que prospera fazendo-nos sentir errados, feios, desviantes, inadequados e imperfeitos.

Este volume tem como ambição poder ser usado para laboratórios, oficinas, debates e aulas nas escolas. Em particular, o meu objetivo enquanto mulher, ativista e mãe é chegar aos jovens, para refletir com eles sobre os seus próprios processos de subjetivação corporal, problematizando os ideais de beleza discriminatórios que classificam e hierarquizam os corpos - diferenciando quem é classificado como belo e valioso e quem como "defeituoso" ou não normativo. O meu desejo é que este pequeno texto seja usado para refletir em conjunto - em família, na escola ou em qualquer outro espaço de experimentação - sobre o impacto que as imagens globais dos corpos perfeitos tem nas nossas vivências corpóreas. Este processo de partilha de experiências põe em jogo os nossos sentidos, a nossa imaginação, as nossas emoções, os nossos imaginários colectivos e expectativas inconscientes.

O trabalho que tenho desenvolvido nos últimos anos, e que em parte é resumido neste pequeno volume, é alimentado pela esperança de que, num futuro próximo, possamos tornar os nossos ideais de beleza mais abrangentes, variados e inclusivos, para que

cada pessoa possa ser como é, na sua especificidade, sentindo-se bela e sensual, amando a sua imagem no espelho, ocupando o espaço que quiser no mundo, em liberdade. O principal objetivo deste texto é lembrar a todes que ser alto, baixo, magro, gordo, branco, negro, heterossexual, gay, cisgénero, transgénero, etc., é algo que acontece e sobre o qual nada podemos fazer. Não temos verdadeiras escolhas, porque não podemos escolher ser quem não somos. Sermos pessoas que respeitam os outros é uma escolha que podemos fazer e que está ao nosso alcance. Chegou o momento de tomar uma posição e fazer esta escolha eticamente consciente, desvelando os preconceitos e efetuando mudanças. A minha esperança e o meu objetivo com este trabalho é lutar contra gordofobia, body shaming (vergonha do corpo), lookism (discriminação da aparência) e contra todas as atitudes sistémicas discriminantes que permitem que a indústria cosmética prospere na base de hierarquias de beleza que se traduzem em hierarquias de valor e promova desigualdade. Para um futuro mais horizontal, com menos sofrimento e menos vítimas.

Estou incrivelmente grata à minha filha, Sole, a quem este livro é dedicado. Ela é, de facto, a minha ideia de perfeição; independentemente de tudo.

Chiara Pussetti

This text was born to fulfill several purposes.

First, it serves as a catalog for the exhibition *Be Fu**ing Perfect* that - through different lenses and languages, between anthropology and art - presented the results of the project EXCEL: The Pursuit of Excellence. Biotechnologies, Enhancement and Body Capital in Portugal, which I have coordinated over the past four years at the Institute of Social Science at the University of Lisbon. The title of the exhibition, *Be Fu**ing Perfect*, ironically alludes to the “pursuit of excellence and perfection” inherent in our contemporary liberal society, based on the imperative of self-surveillance to discipline the body through various forms of manipulation and self-responsibility through the acquisition of resources in the interest of personal success in a competitive regime.

Secondly, it resumes the main topics of the project EXCEL, dedicated to the desires, imaginaries, and practices of human enhancement in Portugal, as well as the story of my collaboration with two exceptional artists, Evija Laivina (<http://www.evija-laivina.com>) and Jessica Ledwich (www.jessicaledwich.com).

Our collaboration has arisen not to propose an artistic overview of the scientific results of our ethnographic research. Rather, it was to provoke reactions, to discuss the expectations we have about our own bodies and others’ bodies, and to dramatize our daily “aesthetic entrepreneurship” (Elias et al. 2017, 5). In turn, the exhibition made our work more accessible and also more accountable.

Finally, this volume wants to reach a young audience because it is in this age group that people are particularly vulnerable to violence from normative body and beauty

standards. Adolescence is the period when people begin to mold their physicality and domesticate their appearance - starting with diets, hair removal, manicuring, going to the gym, and so on - to correspond to extremely demanding and even unrealistic social expectations. It is at this age that we learn that beauty matters. Beauty matters because it is simultaneously a coveted ideal and a moral obligation, and we spend a lot of time and money to achieve it. Regardless of social class or economic status, appearance is important to us all—men, women, nonbinary, or genderqueer individuals. However, in this work, I focused mainly on the cis female body.

Although aesthetic concerns are also important for male subjects, there is a gendered difference in the time and financial resources that women invest in beauty work. The fantasy of perfect beauty and eternal youth, linked to a Euro-American neoliberal ideology of limitless enhancement and absolute autonomy of the individual, is firmly entrenched in moralizing definitions of gender norms. Women are under normative pressure to take responsibility for their bodies and to invest in their constant maintenance and improvement. They are encouraged to take control of their life and their body, to assume responsibility for the way they look, and to maintain their self-discipline on a daily basis. The female body is the battlefield. We are all “beauty warriors,” quoting the title of Evija’s project, to tap into an ideal of femininity that Jessica describes as the “monstrous feminine.” With a strong feminist and critical gaze, their photographic projects made an essential contribution to rethinking the ways in which we experience our corporeality and to reflecting on the violence of aesthetic ideals that reproduce structures of inequality and differentiation in the age of perfection.

This volume presents the main topics of the project and employs provocative images to stimulate reflection about the complex relationships between social media, the contemporary visual culture, the politic of self-representations (or selfie), and the norms that distinguish the bodies “that have value” from the others. In an era when technology enables and encourages instant sharing, viewing, and duplicating, the images depicted the possibility of self-reconfiguration and the body’s transformation into a material to be watched, displayed, and consumed. Images and text alternated to reproduce an effect similar to that of Instagram posts. In an Instagram post, neither captions nor images are a mere transcription of the other: text and image can evoke an ironic contrast, creating tensions and allowing different interpretations. Images can be used as narratives to make statements about the body—illustrating its more intimate realities, tensions, and politics. The images can reinforce or challenge the text, creating discordant meanings and unsettling our accounts of the world. I am interested in the photos’ capacity for disruption and subversion of reality.

Evija’s photographs display women in classic poses, elegant and serene in their immobility, wearing beautification devices that look like instruments of torture. The models wearing these body-shaping devices stare off into space, appearing to obediently adhere to the conformity and discipline demanded by society, while the plastic devices frame their physiognomies in a grotesque manner.

Her portraits—in the space of imagination that lies between irony and violence—intend to denaturalize our global quest for “better” bodies, alluding to invasive and

violent orthopedic disciplinary procedures, thus making the process by which we produce human beauty particularly disturbing. With provocative images of bodies constrained by corrective devices, she reveals the *mise-en-scène* of femininity, which is only achieved through disciplinary practices of controlling the size, shape, surface, and movements of the body, and then displaying this body as an ornamental element.

Jessica's photos oscillate between the grotesque and the absurd. Using her own body as a canvas, Jessica explores the monstrous things women do to themselves in the pursuit of beauty and perfection. In one photo, she buffs her leg with a Bosch sander; in another, she squeezes and sucks the fat out of the stalls with a domestic Hoover. Jessica explores the uncanny, the abject, and often the irrational to unmask the more complex side of human behavior, analyzing its perversities to distill this strange phenomenon we call "culture." "Am I perfect now?" This question echoes in every image Jessica produces. The readers will pose the question to themselves, observing Jessica's disturbing images. Beauty at any cost entails suffering, sacrifice, effort, discipline, and risks. Jessica, who has a completely normative appearance (she is young, tall, thin, and white, with a harmonious and symmetrical physiognomy), shows in her *Monstrous Feminine* project that even a mainstream, conventionally beautiful woman pays high economic, psychological, and physical costs to adhere to very exclusive standards.

We are all constantly bombarded by messages that reinforce the need to "discipline" and "tame" our body—its forms, weight, smells, fluids, appetites, contours, excrescences, the skin that covers it—in order to bring it closer to an "ideal" of beauty that, in reality, few people fit. The "other bodies"—non-white, non-young, non-thin, non-cisgender, non-able-bodied, non-normative in their functions—are reduced to "defects" that need to be corrected, reinforcing preexisting structures of inequality, differentiation, and discrimination.

Wrinkles, body fat, cellulite, sagging skin, hair graying, skin spots, and every other physical change that accompanies aging should be fought with the energetic maintenance of the body through medical-aesthetic, cosmetic, fitness, and "health food" industries (such as diets, superfoods, and miraculous supplements). The beauty industry reminds us that if only you were thinner, firmer, smoother, and younger, you would be better; you would have a more passionate relationship, a better career, more friends and success; you would be happier. If you are unable to "repair," to "correct," to "fix" your aesthetic "problems," and to "solve" the signs of bodily aging, you should consider yourself a failure.

Movies, commercials, magazines, social media accounts, and websites often portray stereotypically beautiful, thin people as ideal. Adolescents are constantly exposed to thousands of overt and subtle messages about the "ideal" body and unrealistic, unattainable portrayals of beauty. They see the world through filters, digital manipulation, and augmented reality that have made "perfection" completely artificial. So young people are comparing themselves to ideals that do not exist in reality. If they do not perfectly fit society's standards, they are not enough. But this is a losing battle: they will never be enough because the parameters are constantly being redefined, shifting

in line with trends and the interests of the beauty industry. The discrepancy between the ideal and the real creates dissatisfaction, suffering, and fear. And in a capitalist society, both equate to opportunities for profit. Teens, in particular young girls, are easy victims of an industry that flourishes by making us feel wrong, ugly, deviant, inadequate, and imperfect.

This volume has the ambition to be used for laboratories, workshops, debates and school classes. In particular, my goal as a woman, activist and mother is to reach young people, to reflect with them on their own body subjectivation processes, problematizing the discriminatory ideals of beauty that classify and hierarchize bodies - differentiating who is classified as beautiful and valuable and who as "defective" or non-normative. My wish is that this short text is used to reflect together - in family, at school or in any other space of experimentation - on the impact that global images of perfect bodies have on our corporeal experiences. This process of sharing experiences continuously brings into play our senses, our imagination, our emotions, our collective imaginaries and unconscious expectations.

The work I have done in recent years is nourished by the hope that, in the near future, we will be able to make our ideals of beauty more comprehensive, varied, and inclusive so that each person can be as they are, in their specificity, feeling beautiful and sensual, loving their image in the mirror, occupying the space they want in the world, with freedom. The main purpose of this volume is to remind everyone that being tall, short, thin, fat, white, black, straight, gay, cisgender, transgender, etc., is something that happens and about which we can do nothing. We have no real choices here, because we cannot choose to be who we are not. Being people who respect others is a choice we can make, and it is within our reach. The time has come to take a stand and make this ethically conscious choice, by understanding biases and making changes. My hope and goal with this work is to stand up against body shaming, lookism (appearance discrimination), and all the systemic, discriminant and disrespectful attitudes that allow the cosmetic industry to thrive on hierarchies of beauty that translate into hierarchies of value and promote inequality. Fighting for a more horizontal future with less suffering and fewer victims.

I am incredibly grateful to my daughter, Sole, to whom this book is dedicated. She is indeed my idea of perfection; irrespective.

Chiara Pussetti

AGRADECIMENTOS

Este volume apresenta resultados do projeto EXCEL: The Pursuit of Excellence; Biotechnologies, Enhancement and Body Capital in Portugal, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/SOC-ANT/30572/2017). Este volume beneficia do apoio de muitas pessoas, mas estou particularmente grata a Isabel Pires, Federica Manfredi, Giorgio Gristina, Miguel Barbosa e Clara Saraiva que contribuíram com as suas pesquisas individuais. Não poderia ter conseguido sem o vosso apoio! Muitas pessoas dedicaram-me o seu tempo, energia, apoio, generosidade e conselhos durante os cinco anos que dediquei a este projeto. Gostaria de agradecer todos os membros do projeto e os colegas que me apoiaram no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Estou particularmente grata pela oportunidade de colaborar com Francesco Dragone e obviamente com as artistas que deram vida a este projeto, Jessica Ledwich e Evija Laivina. Os meus sinceros agradecimentos a ambas por me ter permitido reproduzir os seus maravilhosos trabalhos artísticos.

Gostaria também de agradecer à equipa da Terra Esplendida: Inês Costa, Rui Pereira e António Faria.

Um agradecimento especial a Antónia Pedroso de Lima e Luís Cunha que aceitaram publicar este volume na Editora Etnográfica Press por eles coordenada.

Não haveria resultados sem a generosidade dos participantes da pesquisa. Estou profundamente grata às mulheres e aos homens que tão generosamente partilharam as suas histórias comigo. Parece um cliché dizer que há demasiadas pessoas para as poder mencionar todas, mas é verdade.

A todas as pessoas que sacrificaram o seu tempo para falar comigo, devo imensa gratidão. Obrigado por confiarem em mim para representar os vossos pontos de vista de forma justa e honesta. Como sempre, muito amor e afeto para os meus amigos mais próximos - Ivo, Rui, Miguel, Bárbara, Sara, Cristina, Marta, Bé - por colocar as coisas em perspetiva e me manter mentalmente sã. Obrigada Sole, minha amada filha, por tornares a minha vida pessoal tão gratificante e por me dizeres sempre que sou a mãe mais bonita do mundo.

ACKNOWLEDGMENTS

This work is supported by the project EXCEL: The Pursuit of Excellence; Biotechnologies, Enhancement and Body Capital in Portugal, which has received funding from the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT), under the grant agreement PTDC/SOC-ANT/30572/2017. In the process of book editing I have benefited from the support of many people, but I am particularly thankful to Isabel Pires, Federica Manfredi, Giorgio Gristina, Miguel Barbosa and Clara Saraiva, who contributed with their own researches. I couldn't have done it without you!

A great many people have dedicated their time, energy, support, generosity, and advice to me during the five years I spent researching in the project.

I would like to thank all of the EXCEL team and my supportive colleagues at the Institute of Social Science of University of Lisbon. I am very grateful for the opportunity to collaborate with Francesco Dragone and obviously with the artists who brought this project to life, Jessica Ledwich and Evija Laivina. I am very grateful to them both for allowing me to reproduce their wonderful artworks.

My sincere thanks in particular go to the Terra Espléndida team: Inês Costa, Rui Pereira and António Faria.

Special thanks are due to Antónia Pedroso de Lima and Luís Cunha who agreed to publish this volume in Editora Etnográfica Press, which they coordinate.

There would be no results without the generosity of my participants. I am profoundly grateful to the women and men who so generously shared their stories with me. It seems clichéd to state there are too many to mention, but it is true. To all of those people who willingly sacrificed their time to speak with me, I owe you an inordinate amount of gratitude. Thank you for trusting me to represent your views fairly and honestly.

As always, much love and affection to my closer friends - Ivo, Rui, Miguel, Bárbara, Sara, Cristina, Marta, Bé - for putting things in perspective and keeping me sane. Thank you Sole, my lovely daughter, for making my personal life so fulfilling and for always telling me I am the most beautiful mother in the world.

Am I Perfect Now?

Chiara Pussètti

Just for a moment, think about your own body.

Where do you start?

With your appearance? With its shape and size?

With its aches, pains and reminders of daily
physical struggles?

How do you feel about your own body?

Are there parts you would like to change?

Do you feel the need to keep in shape,
or try to be healthy?

Are you more aware of your body at sometimes
rather than others?

How do you feel when you become aware of your
body in these circumstances?

Now think about the bodies of other people.

Alexandra Howson, *The Body in Society* (2013)

A exposição *Be Fu**ing Perfect* - através de lentes e linguagens diferentes, entre antropologia e arte - apresentou os resultados do projeto EXCEL. The Pursuit of Excellence (PTDC/SOC-ANT/30572/2017), dedicado ao desejos, aos imaginários e às práticas de melhoramento humano em Portugal, que coordenei no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa nos últimos quatro anos. A exposição contou com a colaboração das artistas multipremiadas Evija Laivina (www.evijalaivina.com) e Jessica Ledwich (www.jessicaledwich.com) e semanalmente foi pontuada por debates e eventos gratuitos abertos ao público em geral. O propósito desta intervenção artística foi o de convidar o público (em particular os mais jovens) a refletir sobre os limites e riscos ligados à busca da perfeição; sobre os padrões hegemónicos propostos pelos media; e sobre a violência dos ideais estéticos que traduzem e reproduzem estruturas de desigualdade e diferenciação.

Este volume não pretende apresentar uma panorâmica artística da exposição nem os resultados científicos da nossa investigação. Para quem tivesse interesse na reflexão científica que resultou dos quatro anos de duração do projeto, no final do texto há uma bibliografia completa das publicações da nossa equipa. Também não entendemos este texto somente como um catálogo expositivo. A nossa intenção é antes provocar reação, criar debate e polémica, fornecer material que estimule a reflexão, irritar, incomodar, pôr em discussão as expectativas que vocês têm sobre o vosso corpo e sobre o corpo das outras pessoas.

A exposição *Be Fu**ing Perfect* nasceu da exigência de comunicar fora das paredes angustas da torre de marfim da academia, envolver públicos diferentes, abrir diálogos com pessoas dos mais diversos contextos. Também queríamos falar da nossa insatisfação para com etiquetas vazias como a da body positivity, que ainda representa sempre corpos cisgêneros, com capacidades normativas, brancos, magros ou levemente 'curvy', excluindo os outros corpos não conformes. Fizemos isso mostrando o sofrimento e a violência que os ideais de beleza e perfeição comportam, o esforço que demandam, as renúncias, os sacrifícios e os custos económicos e emocionais. Almejávamos ao mesmo tempo libertar quem não consegue, não pode, não quer encaixar nos padrões hegemónicos para que possa viver a sua corporeidade sem vergonha, sem culpa, sem pedir desculpa porque não sermos representados na capa das revistas, nos filmes, nos desfiles não significa sermos errados ou inferiores.

Através das imagens expostas podemos perceber como estamos todos sob pressão normativa para tomar responsabilidade sobre o nosso corpo e para investir na sua constante manutenção e melhoramento. Numa lógica neoliberal é expectável que cada indivíduo seja responsável pelas suas escolhas, sobre a imagem que quer dar de si, sobre o seu futuro, sobre os produtos de consumo que deve ou não adquirir, demonstrando ter capacidade de autodisciplina no que toca à disciplina (num léxico medicalizante poderíamos dizer 'saúdável') do seu corpo. As novas disciplinas corporais assumem forma voluntária: os padrões normativos que regulamentam e disciplinam corpos e subjetividades são por outras palavras vivenciados não como obrigações ou regras externas, mas como aspirações e desejos pessoais. Ser bem sucedido hoje não é portanto uma questão de sorte, mas de responsabilidade individual. Os produtos e os procedimentos da indústria do "bettering" são a cada dia mais comuns,



Cartazes promocionais
da exposição
Exhibition promotional
posters

acessíveis, e menos invasivos. Mas este investimento não é para todos. Amplos sectores da população ficam excluídos.

Durante os quatro anos dedicados à investigação, entrevistamos pessoas dispostas a tudo para alcançar padrões utópicos de perfeição e sucesso: a moldar, transformar, cortar a carne; a alisar, aclarar, queimar a pele; a comprimir e absorver mecanicamente a gordura; a ingerir e injetar fármacos, toxinas, hormonas e outras biotecnologias líquidas; a inserir próstéticos e implantes; a enfrentar cirurgias extremas ou a criar curvas de silicone industrial.

Pessoas em ‘guerra’ - para ganhar a batalha contra o tempo, combater a celulite, derrotar a gordura, conquistar a fisionomia ideal. Pessoas que lutam contra o próprio corpo, que o desprezam e que quanto mais trabalham para o tornar socialmente aceitável mais se tornam controláveis e melhores consumidores de uma indústria que floresce sobre as nossas inseguranças. Pessoas que combatem uma batalha contra moinhos de vento, mas esta é uma guerra na qual se pode morrer.

Falamos em pessoas no sentido mais inclusivo, porque nesta luta combatem mulheres, homens e indivíduos genderqueer. Mas na exposição focamos principalmente o corpo feminino. Embora as preocupações estéticas sejam também importantes para sujeitos masculinos, existe uma diferença de tempo e investimento económico no trabalho da beleza entre homens e mulheres. A feminilidade é uma mise-en-scène que só se consegue através de práticas disciplinares de controlo do tamanho, da forma, da superfície e dos movimentos do corpo e da exibição deste corpo como elemento ornamental. Estamos constantemente bombardeados por mensagens que reforçam a necessidade de ‘disciplinar’ e ‘domar’ o corpo feminino - as suas formas, o peso, o cheiro, os fluidos, os apetites, os contornos, as excrescências, a pele que o reveste - para o aproximar de um “ideal” de beleza e feminilidade, no qual na realidade poucas mulheres encaixam. Existe uma forte pressão normativa para que as mulheres se envolvam no que definimos “trabalho da beleza” uma atividade na qual é suposto investir quantidades consideráveis de tempo e dinheiro para corresponder a padrões de beleza muito restritivos que, pelo menos no contexto Europeu, valorizam uma figura elegante, agradável, discreta, delicada, que ocupa um espaço exíguo e não perturba demasiado. Poucas coisas continuam a ser tão assustadoras como uma mulher que ocupa muito espaço, que se alimenta excessivamente, que segue impulsos e satisfaz os seus desejos, que transgride as normas, que excede o espaço que lhe é destinado, que não controla as suas excrescências corpóreas, que persegue o princípio do prazer, que tem apetites vorazes, que se expande para além dos limites rígidos que a sociedade lhe impõe. Para que uma mulher seja socialmente considerada digna de aprovação e de respeito tem que corresponder a características que refletem a influência do patriarcado, do capitalismo, do sexismo, do racismo, do classismo e do capacitismo.

Pode parecer que trabalhar sobre ideais de beleza e de perfeição seja algo fútil ou superficial.

Não há nada de fútil em algo pelo qual as pessoas estão dispostas a investir tempo, dinheiro, a sofrer, a pôr as suas vidas em risco.

Não há nada de fútil nas tecnologias do biopoder que classificam as pessoas entre quem têm valor e quem não.

Não há nada de fútil em saber que os nossos filhos irão crescer - como nós fizemos - cultivando desejos na base de ideais irreais que nos fazem sentir constantemente errados.

O trabalho que desenvolvi nestes últimos anos nutre-se da esperança de conseguirmos num futuro próximo tornar os nossos ideais de beleza mais abrangentes, variegados e inclusivos. Para que cada pessoa possa ser como é, na sua especificidade; sentir-se bonita e sensual, amando a sua imagem ao espelho, ocupando no mundo o espaço que quer, em liberdade. Este volume tem como principal objetivo lembrar a todes que sermos altos, baixos, magros, gordos, brancos, negros, heterossexuais, homossexuais, cisgénero, transgénero, é algo que acontece e sobre o qual não podemos fazer nada. Não temos escolhas, porque não podemos escolher sermos quem não somos. Sermos pessoas que respeitam os outros, esta sim, é uma escolha que podemos fazer e que está ao nosso alcance. Chegou o momento de tomar uma posição e fazer uma escolha eticamente consciente. Para que não haja mais violência e discriminação. Para que não haja mais vítimas.

The exhibition *Be Fu**ing Perfect* - through different lenses and languages, between anthropology and art - presented the results of the project EXCEL. The Pursuit of Excellence (PTDC/SOC-ANT/30572/2017), dedicated to the desires, imaginaries and practices of human enhancement in Portugal, which I coordinated at the Institute of Social Sciences of the University of Lisbon for the last four years. The exhibition had the collaboration of multi-award winning artists Evija Laivina (www.evija-laivina.com) and Jessica Ledwich (www.jessicaledwich.com) and was punctuated by weekly debates and free events open to the general public. The purpose of this artistic intervention was to invite the public (particularly the younger ones) to reflect on the limits and risks linked to the search for perfection; on the hegemonic standards proposed by the media; and on the violence of aesthetic ideals that translate and reproduce structures of inequality and differentiation.

This volume does not intend to present an artistic overview of the exhibition or the scientific results of our research. For those who would be interested in the scientific reflection that resulted from the four years of the project, there is a complete bibliography of our team's publications at the end of the text. Nor do we understand this text only as an expository catalogue. Our intention is rather to provoke reaction, to create debate and polemic, to provide material that stimulates reflection, to irritate, to disturb, to put into discussion the expectations you have about your body and other people's bodies.

The *Be Fu**ing Perfect* exhibition was born from these same demands and frustrations. We wanted to communicate outside the anguished walls of the ivory tower of the academy, to involve different publics, to open dialogues with people from the most diverse contexts. We also wanted to speak about our dissatisfaction with empty labels like body positivity, which nevertheless always represents cisgender bodies, with

normative abilities, white, thin or slightly 'curvy', excluding other non-conforming bodies. We did this by showing the suffering and violence that the ideals of beauty and perfection entail, the effort they demand, the renunciations, the sacrifices and the economic and emotional costs. We aimed at the same time to free those who can't, can't, don't want to fit into the hegemonic standards so that they can live their corporeality without shame, without guilt, without apologizing because not being represented on the cover of magazines, in films, in fashion shows doesn't mean being wrong or inferior.

Through the images exposed we can see how we are all under normative pressure to take responsibility for our body and to invest in its constant maintenance and improvement. In a neo-liberal logic it is expected that each individual is responsible for his/her choices, about the image they want to give of themselves, about their future, about the consumer products they should or should not acquire, demonstrating to have the capacity of self-discipline when it comes to the discipline (in a medicalizing lexicon we could say 'healthy') of their body. The new corporal disciplines take on a voluntary form: the normative standards that regulate and discipline bodies and subjectivities are in other words experienced not as external obligations or rules, but as personal aspirations and desires. Being successful today is therefore not a matter of luck, but of individual responsibility. The products and procedures of the "bettering" industry are every day more common, accessible, and less invasive. But this investment is not for everyone. Large sectors of the population are excluded.

During the four years dedicated to research, we interviewed people willing to do anything to achieve utopian standards of perfection and success: to mould, transform, and cut the flesh; to smooth, lighten, and burn the skin; to compress and mechanically absorb fat; to ingest and inject drugs, toxins, hormones and other liquid biotechnologies ; to insert prosthetics and implants; to undergo extreme surgery or create body curves of industrial silicone.

People at 'war' - to win the battle against time, combat cellulite, defeat fat, conquer the ideal physiognomy. People who fight against their own bodies, who despise them and the more they work to make them socially acceptable the more they become controllable and better consumers of an industry that thrives on our insecurities. People who fight a battle against windmills, but this is a war in which one can die.

We talk about people in the most inclusive sense, because in this fight they fight women, men and genderqueer individuals. But in the exhibition we focus mainly on the female body. Although aesthetic concerns are also important for male subjects, there is a difference in time and economic investment in beauty work between men and women. Femininity is a mise-en-scène that is only achieved through disciplinary practices of controlling the size, shape, surface and movements of the body and displaying this body as an ornamental element. We are constantly bombarded by messages that reinforce the need to 'discipline' and 'tame' the female body - its forms, weight, smell, fluids, appetites, contours, excrescences, the skin that covers it - in order to bring it closer to an 'ideal' of beauty and femininity, in which in reality few women fit. There is a strong normative pressure for women to engage in what we define "beauty work" an activity in which one is supposed to invest considerable

amounts of time and money in order to meet very restrictive beauty standards which, at least in the European context, value an elegant, pleasing, discreet, delicate figure that occupies a tiny space and does not disturb too much. Few things are still as frightening as a woman who occupies too much space, who feeds excessively, who follows impulses and satisfies her desires, who transgresses the norms, who exceeds the space allotted to her, who does not control her bodily excrescences, who pursues the pleasure principle, who has voracious appetites, who expands beyond the rigid limits that society imposes on her. For a woman to be socially considered worthy of approval and respect, she has to correspond to characteristics that reflect the influence of patriarchy, capitalism, sexism, racism, classism and ableism.

It may seem that working on ideals of beauty and perfection is futile or superficial. There is nothing futile about something for which people are willing to invest time and money, to suffer, to put their lives at risk.

There is nothing futile in technologies of biopower, which classify people between those who have value and those who do not.

There is nothing futile in knowing that our children will grow up - as we did - cultivating desires on the basis of unrealistic ideals that make us feel constantly wrong.

The work I have done in recent years is nourished by the hope that in the near future we will be able to make our ideals of beauty more comprehensive, varied and inclusive. So that each person can be as they are, in their specificity; feeling beautiful and sensual, loving their image in the mirror, occupying the space they want in the world, in freedom. The main purpose of this volume is to remind everyone that being tall, short, thin, fat, white, black, straight, gay, cisgender, transgender, is something that happens and about which we can do nothing. We have no choices, because we cannot choose to be who we are not. Being people who respect others is a choice we can make and it is within our reach. The time has come to take a stand and make an ethically conscious choice. Our hope is that there will be no more violence and discrimination, and no more victims.





"Everything is Awsome"
Everything is Going to Be Awsome
series, 2019, Evija Laivina

Beauty
is pain,
we
suffer
for the
beauty

Chiara Pussetti

A beleza é poder. A beleza é um capital valioso, que condiciona favoravelmente o mundo à nossa volta. As pessoas que apresentam uma aparência socialmente apreciada são consideradas mais favoravelmente, acolhidas com mais agrado, mais procuradas, mais desejadas e cobiçadas, arranjam trabalhos mais facilmente, tendo acesso a todo um mercado profissional que se baseia no aspeto físico. É por isso que muitas pessoas investem financeiramente nos seus próprios corpos, transformando-os em mais um rentável capital social (integração social, atração sexual), capital simbólico (estatuto e prestígio) ou capital económico (melhores trabalhos, salários, mobilidade profissional). A indústria cosmética é uma das mais rentáveis no mundo, em constante crescimento e das mais resistente às crises económicas: o leque de ofertas torna-se a cada dia mais amplo e os tratamentos cada vez mais inovadores, menos invasivos, mais baratos e democratizados. As pessoas recorrem constantemente a tratamentos estéticos - desde a depilação, manicura e pedicura, corte e coloração dos cabelos, cremes e produtos para a pele até a intervenções mais profundas - porque consideram que cuidar da aparência é hoje uma responsabilidade individual. Há aqui uma ênfase no 'tornar-se' uma pessoa melhor, de acordo com modelos hegemónicos de beleza, excelência académica, sucesso social. E estes modelos hegemónicos - que obviamente podem ser negociados e contestados - são vivenciados não tanto como 'obrigações' mas mais como aspirações, desejos e valores. Queremos ser assim, e tomamos decisões sobre os nossos corpos não na base de necessidades médicas mas sim de ideais hegemónicos propostos pela cultura de consumo. A primeira consequência é que a esperança, a grande expectativa na inovação e no progresso tecnológico estimula grandes investimentos económicos e novos mercados segmentários ou de nicho: a personalização dos produtos com base em género, idade, classe social, estatuto económico, raça. O resultado desejado que estes produtos prometem reproduz sempre uma norma ideal - é um corpo jovem, magro, branco, alto, tonificado, sexualmente ativo, cisgénero, e normativos nas suas funções. Um corpo portanto extremamente "exclusivo", no sentido que exclui a ampla população que não tem acesso económico às biotecnologia de melhoramento e que não encaixa nestes padrões rígidos de perfeição, construídos em uma direção muito circunscrita e pouco afeita à diversidade da existência humana. Estão aqui implícitos os discursos: 1. médico (cuidado da pele, controle do peso, saúde dos cabelos, envelhecimento ativo e por aí fora); 2. moral (autoestima, valorização pessoal, responsabilidade, disciplina, empenho); e 3. mediático (globalização de imagens virtuais de beleza e sucesso).

O alcance de um corpo perfeito implica expectativas e custos altos, não somente económicos, mas também físicos e psicológicos. As tecnologias de modificação do corpo - mesmo considerando as suas possibilidades de autovalorização e aumento da autoestima - podem se tornar profundamente alienantes, especialmente quando levam a casos extremos de insatisfação ou dismorfia corporal, ou quando os resultados obtidos não correspondem ao desejado.

Atrás do discurso da esperança e liberdade próprio do mercado neoliberal, existe a dor e a violência quotidiana de quem não se encaixa nos padrões ideais. Na reprodução das desigualdades, as "elites" reafirmam-se como tais (corpos que têm valor) e quem fica de fora é o diferente, o inferior, o falhado, o desviante, o corpo "defeituoso" que é preciso corrigir.

É nesse panorama fraturado e complexo de possibilidades e limites, liberdade e constrições, esperança e violência, empoderamento e constrangimento - em que

literalmente se incorporam padrões que sustentam em vez de desfazer as desigualdades corporais – que se produzem novas subjetividades e corporeidades entre desejos e dor.

A exposição *Be Fu**ing Perfect* - através da projeção de imagens que representam a busca da perfeição – convida o público a refletir sobre:

1. as lutas que todos nós enfrentamos – de formas e com tecnologias distintas
- para alcançar o sonho de um corpo ideal;
2. os padrões estéticos que refletem e reproduzem estruturas de desigualdade e diferenciação;
3. o valor económico e social da beleza, pelo qual as pessoas estão dispostas a sofrer, a pôr as suas vidas em risco e a investir tempo e dinheiro.

A biopolítica da beleza está portanto intimamente ligada não só ao gênero, mas também à idade, à classe, à raça, à orientação sexual, ao estatuto económico e a todas as outras desigualdades sociais e acaba por reforçar de forma violenta estruturas preexistentes de desigualdade e diferenciação. Considerar de forma crítica os ideais de beleza não significa não realizar os nossos sonhos, nem não alterar o nosso corpo. Significa sim, segurando no espelho e olhando, através do nosso reflexo e aspirações, as condições históricas e socioculturais da construção desses ideais normativos, tendo consciência das suas dimensões incorporadas, afetivas e viscerais e de todas as relações políticas e económicas envolvidas.

Beauty is power. Beauty is a valuable capital that positively conditions the world around us. People who have a socially appreciated appearance are looked upon more favourably, welcomed more favourably, more sought after, more desired and coveted, get jobs more easily, having access to a whole professional market that is based on physical appearance. This is why many people invest financially in their own bodies, turning them into more profitable social capital (social integration, sexual attraction, best marriages), symbolic capital (status and prestige) or economic capital (better jobs, salaries, professional mobility). The cosmetics industry is one of the most flourishing in the world, constantly growing and one of the most resistant to economic crises: the range of offers becomes wider every day and the treatments increasingly innovative, less invasive, cheaper and democratised. People constantly resort to aesthetic treatments - from waxing, manicures and pedicures, haircuts and hair colouring, creams and skin products to more profound interventions - because they consider that taking care of appearance is now an individual responsibility - there is an emphasis here on 'becoming' a better person, according to hegemonic models of beauty, academic excellence, social success. And these hegemonic models - which can obviously be negotiated and contested - are experienced not so much as 'obligations' but more as aspirations, desires and values. We want to be this way, and we make decisions about our bodies not on the basis of medical needs but of hegemonic ideals propounded from consumer culture. The first consequence is that the hope, the high expectation in innovation and technological progress stimulates large economic investments and new segmental or niche markets: the customisation of products

based on gender, age, social class, economic status, race. The desired result that these products promise always reproduces an ideal norm - it is a young, slim, white, tall, toned, sexually active, cisgender body, and normative in its functions. A body therefore extremely exclusive - of the entire broad population that does not have economic access to biotechnological enhancement and that does not fit these rigid standards of perfection, constructed in a very circumscribed direction and with little affection for the diversity of human existence. Implicit here are the discourses: 1. medical (skin care, weight control, hair health, active ageing and so on); 2. moral (self-esteem, personal appreciation, responsibility, discipline, commitment); and 3. media (globalisation of virtual images of beauty and success).

The achievement of a perfect body implies high expectations and costs, not only economic, but also physical and psychological. Body modification technologies - even considering their possibilities of self-worth and increased self-esteem - can become deeply alienating, especially when they lead to extreme cases of dissatisfaction or body dysmorphia, or when the results obtained do not correspond to what is desired.

Behind the discourse of hope and freedom proper of the neoliberal market, there is the daily pain and violence of those who do not fit into the ideal standards. In the reproduction of inequalities, the "elites" reaffirm themselves as such (bodies that have value) and those who are left out are the different, the inferior, the failed, the deviant, the "defective" body that needs to be corrected.

It is in this fractured and complex panorama of possibilities and limits, freedom and constrictions, hope and violence, empowerment and constraint - in which standards are literally incorporated that sustain rather than undo bodily inequalities - that new subjectivities and corporeity are produced between desires and pain.

The exhibition *Be Fu**ing Perfect* - through the projection of images that represent the search for perfection - invites the public to reflect on:

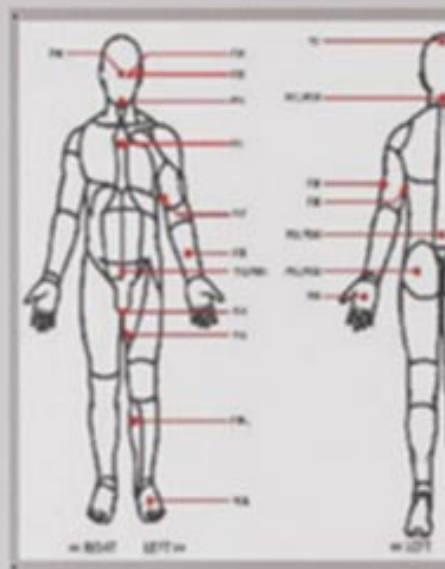
1. the struggles we all face - in different ways and with different technologies - to achieve the dream of an ideal body;
2. the aesthetic standards that reflect and reproduce structures of inequality and differentiation;
3. the economic and social value of beauty, for which people are willing to suffer, to put their lives at risk and to invest time and money

The biopolitics of beauty is therefore intimately linked not only to gender, but also to age, class, race, sexual orientation, economic status and all other social inequalities and ends up violently reinforcing pre-existing structures of inequality and differentiation. Critically considering ideas of beauty does not mean not fulfilling our dreams, nor does it mean not altering our bodies, but rather holding up the mirror looking, through our reflection and our aspirations, through the historical and socio-cultural conditions of the construction of these normative ideals, being aware of their embodied, affective and visceral dimensions and of all the political and economic relations involved.



"Untitled II"
Monstrous Feminine series, 2022
Jessica Ledwich

SONS
21



§ 499



§ 999

Juventude injetável: biotecnologias líquidas e promessas de juventude eterna

Chiara Pussetti

Os últimos quinze anos foram pautados por um aumento exponencial não apenas no consumo mas também na inovação no campo da indústria do antienvelhecimento.

O leque de ofertas ficou mais amplo e os tratamentos foram se tornando menos invasivos, mais baratos e de mais fácil acesso. Dessa forma, criou-se um mercado dirigido a reparar, revitalizar, restaurar, devolver e conservar a juventude como parte de práticas mais amplas de saúde, bem-estar, cuidado e valorização pessoal.

O termo anti-ageing (em Portugal é comum encontrar-se a expressão em inglês, juntamente com a sua tradução para “antienvelhecimento”) está por todo lado. A “medicina antienvelhecimento” confunde-se com práticas de autocuidado e valorização pessoal ao incluir uma série de procedimentos físicos que tendem a mascarar os sinais de envelhecimento. Paradoxalmente, ao mesmo tempo que procuram estimular a ideia de uma aparência mais jovem ou até “sem idade”, reforçam o medo e o estigma do envelhecimento.

As entrevistas efetuadas no âmbito do projeto, realçam que os sinais visíveis do envelhecimento - como as rugas, a flacidez, a falta de tonicidade, ou os cabelos grisalhos - são mais desvalorizantes e problemáticos para as mulheres do que para os homens, e que os rituais femininos destinados ao rejuvenescimento começam significativamente cedo e comportam um investimento económico muito mais importante. O envelhecimento é, portanto, um fenómeno experienciado dentro de um sistema mais amplo de desigualdade de género, no qual a perda da juventude no corpo feminino é considerada como uma perda de valor social. Susan Sontag já no começo dos anos Setenta definiu como “duplo padrão do envelhecimento” esta desproporcionalidade, que combina discriminação de género e de idade, e que relega à invisibilidade social as mulheres mais maduras. Nas “economias estéticas” euramericanas o valor de uma mulher depende em boa parte de atributos (beleza, inocência, atração sexual, capacidade reprodutiva) que vão irremediavelmente desflorescendo com a idade. Correspondendo às pressões sociais impostas às mulheres, as intervenções cosméticas e as novas tecnologias oferecem a oportunidade de rejuvenescerem e reconquistarem o seu corpo, desafiando as imagens de idade, estigma, vergonha e invisibilidade que um corpo envelhecido acarreta. Se a juventude eterna não passa de um mito, os procedimentos anti-ageing prometem pelo menos “envelhecer graciosamente”, isto é, fazer que o processo natural da perda da juventude aconteça dentro de certos parâmetros de “estilo e graça”.

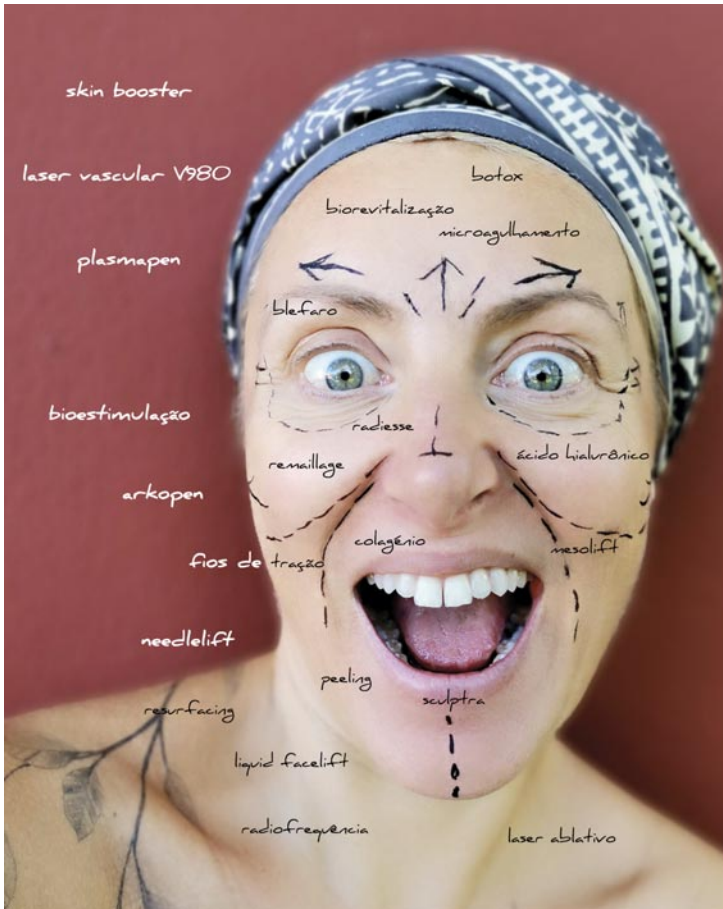
Os procedimentos não cirúrgicos mais comuns são os cremes, a coloração de cabelos, as injeções de toxina botulínica (vulgarmente chamada de Botox), o laser para epilação, os peeling químicos, a microdermoabrasão e os preenchimentos com ácido hialurónico, sendo considerados procedimentos menos dispendiosos financeiramente, menos intrusivos e mais seguros fisicamente. Os produtos das perfumarias incorporam termos que pertencem aos campos científicos da Biologia, da Genética e da Biotecnologia, a dar a ilusão das garantias da cientificidade: Cell Renewal, Repairwear, Biotechno-performance, Revitalizing supreme, Replumping, Regenerating, Treats WrinkleLifting, Laser Focus, Recovering Filler, Lift repair Extreme, Lift-designer, Sculpting-lift, Botulin effect, Cellular Boost YouthFX, DNAge, LASER X3, Genefique, Hyaluronic Filler Extreme. Se por um lado estes produtos proporcionam o sonho de uma resposta tecnológica eficaz para contrastar as marcas da idade, por outro lado reforçam a ideologia de que

a idade é uma escolha, como afirma uma famosa publicidade da marca L'Óreal: uma responsabilidade, uma atitude, uma opção, mais do que um facto biológico inelutável. As mulheres, no discurso médico popularizado, são encorajadas a “tomar controlo do seu corpo” e do seu processo de envelhecimento, no entanto, disciplinando-o conforme as normas socioculturais onde estão inscritas. Chamei estas exortações constantes de “economias e moralidades estéticas”. Reparei que as publicidades dos produtos anti-ageing utilizam o léxico bancário da bolsa de valores: investir, valorizar, perder valor, preservar o capital, rentabilizar, negociar, amortizar. Depois de tanto ouvir falar em investimentos, tentei calcular a minha despesa mensal em beleza (considerando também ginásio e cuidados alimentares) e realizei que gasto pelo menos um quarto do meu salário na manutenção do meu aspecto “juvenil”.

Nas entrevistas que realizei com mulheres portuguesas, que se identificam como brancas, de classe média e médio alta e de ambiente urbano, confrontei-me com relutância e pudor na confissão das intervenções estéticas antienvelhecimento.

As razões desta resistência são múltiplas: desde a tentativa de criar a ilusão de uma total “naturalidade” e “autenticidade” no aspecto, à vergonha pelo dinheiro gasto por “ vaidade”; do embaraço em revelar a idade real até ao estigma que esta procura da beleza pode criar em ambientes mais críticos ou de feminismo militante. Mesmo as poucas mulheres que falaram com tranquilidade dos procedimentos estéticos efetuados apresentaram sempre razões “moralmente aceitáveis” para justificar esta escolha. Questões pessoais e familiares (separações, divórcios, doenças, necessidade psicológica de cuidar mais de si, baixa autoestima, ou ainda relações com parceiros mais novos); profissionais (importância da imagem no trabalho, relações públicas, exposição mediática); clínicas (botox para reduzir as enxaquecas; laser para os danos da exposição solar; rejuvenescimento vaginal para aumentar o prazer sexual; blefaroplastia para melhorar a visão; rinoplastia para respirar melhor). Algumas das entrevistadas reconheceram-se como “body entrepreneurs”, isto é, pessoas que investem estrategicamente em melhorar o próprio aspeto e reverter tanto quanto possível o processo natural de envelhecimento para aumentar o seu poder social, cultural e económico, e as chances de sucesso profissional e nas relações amorosas. Afirmaram gastar quantias muito significativas de dinheiro para estender o mais possível os privilégios associados à juventude e preservar o próprio capital corporal. Claramente estamos a falar em valores acessíveis somente para uma parte muito restrita da população portuguesa, que pertence a uma elite económica para a qual gastar algo como mil euros mensais - entre produtos estéticos, tratamentos de medicina cosmética faciais e corporais, ginásio com Personal Trainer, alimentação biológica rica em proteínas nobres - é algo fazível sem excessivos esforços.

Portanto não, apesar do slogan do creme de L'Óreal, a idade, hoje, não é uma escolha. Ou, pelo menos, não é uma escolha igual para todos, dado nem todos termos acesso aos mesmos recursos nem a mesma possibilidade de escolher: uma certa configuração da ordem social restringe a capacidade e a liberdade de escolha de certos indivíduos ou grupos, mesmo quando estamos a falar do acesso à preservação de uma aparência juvenil que desafia a idade biológica. O controle do envelhecimento de forma a proporcionar-lhe ‘graciosidade’, é portanto algo intimamente ligado não só ao género, mas também à classe social, ao estatuto económico e a todas as outras desigualdades sociais.



A Chiara foi bastante negligente. Pensar em retoques era algo que deveria ter contemplado já há anos. Especialmente o rosto... o rosto é como um bilhete de visita. Nota-se que não usou protetor solar... está a ver estas manchinhas? Não são sardas, não. São as manchas do envelhecimento. Para as mulheres, sempre digo que o cuidado com a pele do rosto é uma obrigação. Se depois queremos ser cúmplices da desgraça... é outra coisa. Se tivesse me perguntado, nunca teria dito para não intervir, mesmo se tivesse marcado uma consulta tendo vinte ou trinta anos. Chama-se prevenção, sabe o que é, certo? Tinha que intervir para prevenir o aparecimento das primeiras linhas de expressão, antes que as rugas criassem marcas. Que depois sim, o nosso trabalho torna-se mais difícil e já não se atinge aquele resultado. Agora podemos tentar tratar, atenuar: mas os danos já estão feitos (Joana, dermatologista, 06/02/2021).

Na sua cara seria somente baby botox não se preocupe. Seria somente suavizar, continua a ser a Chiara, mas uma versão melhorada de si mesma (Manuel, dermatologista, 12/03/2021).

Chiara, you were rather negligent. Thinking about retouching was something you should have contemplated years ago. Especially the face... the face is like a calling card. You can tell you haven't used sunscreen... see these little spots? They're not freckles, no. They're ageing spots. For women, I always say that caring for the facial skin is an obligation. If we then want to be accomplices of the disgrace... that's something else! (Paul, dermatologist).

If you had asked me, I would never have told you not to intervene, even if you had made an appointment at twenty or thirty years old. It's called prevention, you know what it is, right? You should have intervened to prevent the appearance of the first expression lines, before wrinkles create marks. And then, yes, our work becomes more difficult and we no longer achieve that result. Now we can try to treat, to attenuate: but the damage is already done (Joana, dermatologist).

On your face it would just be baby botox, don't worry, or a biorevitalisation. It could even be something very soft like micro-needling. Nothing invasive. It would just be softening, you're still Chiara, but an improved version of yourself. (Manuel, dermatologist).

Injectable youth: liquid biotechnologies and promises of eternal youth

The last fifteen years have been marked by an exponential increase not only in consumption but also in innovation in the field of the anti-ageing industry.

The range of offers has become wider and treatments have become less invasive, cheaper and more easily accessible. In this way, a market was created aimed at repairing, revitalising, restoring, restoring and preserving youth as part of broader practices of health, well-being, care and personal enhancement.

The term anti-ageing (in Portugal it is common to find the expression in English, along with its translation to "anti-ageing") is everywhere. "Anti-ageing medicine" is confused with self-care and personal enhancement practices by including a series of physical procedures that tend to mask the signs of ageing. Paradoxically, while seeking to stimulate the idea of a younger or even "ageless" appearance, they reinforce the fear and stigma of ageing.

The interviews carried out as part of the project, highlight that the visible signs of ageing - such as wrinkles, flaccidity, lack of tone, or grey hair - are more devaluing and problematic for women than for men, and that female rituals aimed at rejuvenation start significantly earlier and involve a much greater economic investment. Ageing is therefore a phenomenon experienced within a broader system of gender inequality, in which the loss of youth in the female body is regarded as a loss of social value. Susan Sontag already in the early 1970s defined as "double standard of ageing" this disproportionality, which combines gender and age discrimination, and which relegates more mature women to social invisibility. In European-American "aesthetic economies," a woman's value depends largely on attributes (beauty, innocence, sexual attraction, reproductive capacity) that fade irrevocably with age. Responding to the social pressures imposed on women, cosmetic interventions and new technologies offer the opportunity to rejuvenate and regain their bodies, challenging the images of age, stigma, shame and invisibility that an ageing body entails. If eternal youth is nothing but a myth, anti-ageing procedures at least promise to 'age gracefully', i.e. to make the natural process of youth loss happen within certain parameters of 'style and grace'.

The most common non-surgical procedures are creams, hair colouring, botulinum toxin injections (commonly called Botox), laser epilation, chemical peels, microdermabrasion and hyaluronic acid fillers, being considered less financially expensive, less intrusive and physically safer procedures. Perfumery products incorporate terms that belong to the scientific fields of biology, genetics and biotechnology, giving the illusion of scientific guarantees: Cell Renewal, Repairwear, Biotechno-performance, Revitalizing supreme, Replumping, Regenerating, Treats Wrinkle Lifting, Laser Focus,

Recovering Filler, Lift repair Extreme, Lift-designer, Sculpting-lift, Botulin effect, Cellular Boost YouthFX, DNAge, LASER X3, Genefique, Hyaluronic Filler Extreme.

While on the one hand these products provide the dream of an effective technological response to contrast the marks of age, on the other they reinforce the ideology that age is a choice, as stated in a famous L'Oréal advertisement: a responsibility, an attitude, an option, rather than an inescapable biological fact. Women, in the popularised medical discourse, are encouraged to "take control of their bodies" and of the ageing process, however, disciplining it according to the socio-cultural norms in which they are inscribed. I have called these constant exhortations "aesthetic economies and moralities". I have noticed that the advertisements for anti-ageing products use the banking lexicon of the stock market: invest, value, lose value, preserve capital, make profitable, trade, amortise. After hearing so much talk about investments, I tried to calculate my monthly expenditure on beauty (also considering gym and dietary care) and I realised that I spend at least a quarter of my salary on maintaining my "youthful" appearance.

In the interviews I conducted with Portuguese women, who identify themselves as white, middle and upper middle class and from an urban environment, I was confronted with reluctance and shyness in confessing anti-ageing aesthetic interventions.

The reasons for this resistance are multiple: from the attempt to create the illusion of total "naturalness" and "authenticity" in appearance, to the shame for the money spent for "vanity"; from the embarrassment of revealing one's real age to the stigma that this pursuit of beauty can create in more critical or militant feminist environments. Even the few women who spoke calmly about the aesthetic procedures carried out always gave "morally acceptable" reasons to justify this choice. Personal and family issues (separations, divorces, diseases, psychological need to take better care of oneself, low self-esteem, or even relationships with younger partners); professional (importance of image at work, public relations, media exposure); clinical (botox to reduce migraines; laser for sun exposure damage; vaginal rejuvenation to increase sexual pleasure; blepharoplasty to improve vision; rhinoplasty to breathe better). Some of the women interviewed recognised themselves as "body entrepreneurs", i.e. people who invest strategically in improving their own appearance and reversing as much as possible the natural process of ageing to increase their social, cultural and economic power, and the chances of success in their professional and romantic relationships. They claim to spend very significant amounts of money to extend as far as possible the privileges associated with youth and preserve their own body capital. Clearly we are doing in values accessible only by a very restricted part of the Portuguese population, who belong to an economic elite for whom spending something like a thousand euros a month - between aesthetic products, cosmetic medicine facial and body treatments, gym with Personal Trainer, organic food rich in noble proteins - is something doable without excessive effort.

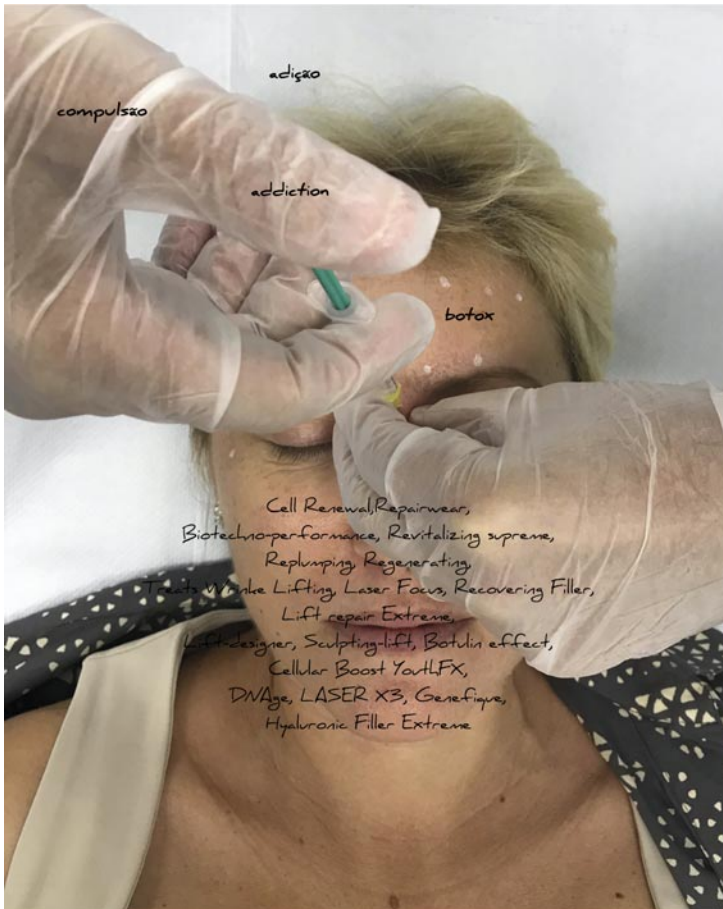
So no, despite the slogan of the L'Oréal cream, age today is not a choice. Or, at least, it is not an equal choice for everyone, we do not all have access to the same resources or the same possibility to choose: a certain configuration of the social order restricts the ability and freedom of choice of certain individuals or groups, even when we are talking about access to the preservation of a youthful appearance that defies biological age. The control of ageing in order to provide it with 'gracefulness', is therefore something closely linked not only to gender, but also to social class, economic status and all the other social inequalities.



A idade vê-se principalmente pela cara. O corpo é mais fácil, é suficiente usar a roupa certa para camuflar a flacidez. Por exemplo, depois dos quarenta anos, aconselho usar camisolas de mangas três quartos ou compridas. Para esconder o 'músculo do adeus', o que abana quando dizemos adeus. Sabes, as 'asas de morcego'. O resto, não temos formas de disfarçar. E a cara é a primeira coisa que vemos de uma pessoa, onde a nossa atenção foca-se. O desgaste que o sol provoca, as rugas, as manchas, as irregularidades, a perda de tonicidade da linha do maxilar, a papada, as pálpebras a cair... são estes os detalhes que mais revelam a idade (Maria 54 anos, ex-modelo).

Nunca gostei de velhos. Imagina o que é ver ao espelho que eu própria começo a parecer uma velha. Não quero entregar-me à facilidade de aceitar a velhice, quero continuar a me sentir bem comigo própria. Aceitar o envelhecimento é precisamente envelhecer. Como os que falam sempre em doenças. Não suporto. Se há tema completamente antissexy é falar de doenças. Eu não sou assim. É uma questão de estética, mas também de coerência com o que eu sou (Luísa, 62 anos, técnica de costas).

Age can be seen mainly in the face. The body is easier, it's enough to wear the right clothes to camouflage flabbiness. For example, after forty, I recommend wearing shirts with three-quarter or long sleeves. To hide the 'goodbye muscle', the one that wobbles when you wave goodbye. You know, the 'bat wings'. The rest, we have no way of disguising. And the face is the first thing we see of a person, where our attention is focused. The wear and tear caused by the sun, the wrinkles, the spots, the irregularities, the loss of tone in the jaw line, the jowls, the drooping eyelids... these are the details that most reveal age (Maria 54 years old, ex-model). I've never liked old people. Imagine what it's like to see in the mirror that I'm starting to look like an old woman myself. I don't want to indulge in the ease of accepting old age, I want to continue to feel good about myself. To accept ageing is precisely to age. To grow old in a lazy way. Like those who always talk about illness. I can't stand it. If there's one topic that's completely unsexy, it's talking about illness. I don't want to relate to people who are completely sloppy and relaxed about themselves. They're already beaten out of life. And I'm not like that. It's a question of aesthetics, but also of coherence with what I am (Luísa, 62 years old, chartered accountant).



baby botox

Como poderia participar do mesmo discurso que analiso criticamente, das ditaduras estéticas sobre o corpo da mulher, do mito do aperfeiçoamento a qualquer custo?

Dissonância cognitiva

Chiara/antropóloga: discute a construção social do gênero, as relações de poder implícitas nas hierarquias estéticas e as práticas disciplinares que moldam o corpo feminino.

Chiara/mulher: replica as micropráticas que constituem a performance de feminilidade, que deseja preservar a beleza e o poder de atração da juventude, que tem medo de perder valor com a idade

Chiara/consumidora: I deserve and must value myself, to love myself, take care of myself, be a better version of myself

7 dias: primeiras mudanças - bloqueio dos músculos corrugadores e proceros.

15 dias: pareço mais repousada, relaxada, com um olhar mais aberto e suave; mais bonita e luminosa.

20 dias: deixo de usar maquiagem, como faço quando estou de férias. Sou parecida a uma foto digital com filtros....

How could I participate in the same discourse that I critically analyse, that of the aesthetic dictatorships over women's bodies, the myth of perfection at any cost?

"cognitive dissonance" Chiara/anthropologist discusses the social construction of gender, the power relations implicit in aesthetic hierarchies, and the disciplinary practices that shape the female body. Chiara/woman I deserve and must value myself, to love myself, take care of myself, be a better version of myself. 7 days: first changes - muscle blockage corrugators and proceros. 15 days: I look more rested, relaxed, with a longer look open and smooth; more beautiful and luminous. 20 days: I stop using makeup, as I do it when I'm on vacation. I look like a photo with filters...

O peso das normas – da gordofobia e dos limites sociais

Chiara Pussetti

Nos anos Oitenta, estava eu a atravessar aquela linha subtil - que pode ser extremamente pesada - entre a infância e a adolescência. Como a maioria das crianças da minha geração, passava muito tempo assistindo a desenhos animados e a anúncios publicitários destinados à minha faixa etária. Lembro em particular da publicidade de um snack da marca Kinder, na qual um rapaz perguntava à sua amiga - uma rapariga linda, alegre, sorridente e magra - se esta queria lanche e ela respondia chocada: “Estás louco? Queres-me gorda e com borbulhas?”. A mensagem que passava não era bem que o tal produto da Kinder era baixo em calorias, mas sim que ser gorda e não ter uma pele perfeita eram das piores coisas que nos podiam acontecer.

Naqueles anos o mundo não era exatamente “politicamente correto” e nos desenhos animados, nos filmes e nas séries de televisão as pessoas gordas eram retratadas como desajeitadas, preguiçosas, indisciplinadas, ridículas. No máximo podiam representar os amigos engraçados dos protagonistas, que eram sempre magros e bonitos - aquela categoria de seres humanos que a minha filha definiria os “populares”, em contraposição aos “nerds”.

Perguntei a um conjunto de 20 jovens entre os 14 e os 18 anos quais as principais características de “populares” e “nerds”. Resumidamente, os primeiros são os que se vestem segundo a moda do momento e usam roupa de marca; que ficam em grupos exclusivos no recreio, adoptando atitudes mais adultas ou “cool” (como fumar ou beber), desprezando os que se portam de forma ‘infantil’; que passam muito tempo nas redes sociais; que têm maior sucesso no mercado das relações românticas; que investem tempo no ginásio e comem contando as calorias. Ponto importante na nossa discussão: os “populares” são sempre magros.

Os “nerds”, pelo contrário, costumam ser os melhores alunos, andam em grupos muito reduzidos de pares, são mais tímidos e ignorados no recreio, não arranjam facilmente namorada/os, não são convidados às festas ‘que contam’, apresentam baixo desempenho no desporto, passam muito tempo na Internet, comem sem grande preocupação com a linha, não são considerados atraentes e bonitos e, em linha geral, são mais gordos ou excessivamente magros e asténicos.

Se os homens são também alvo daquela específica forma de discriminação chamada gordofobia (repulsa ou preconceito contra as pessoas gordas), as pessoas mais atingidas são as mulheres, sendo por isso as mais vulneráveis ao desenvolvimento de distúrbios alimentares. Os padrões de beleza femininos, pelo menos no contexto Europeu, valorizam o corpo esbelto, longilíneo e esguio das manequins. A gordura contrasta com a performance de género que na nossa sociedade a mulher tem de pôr em cena: uma figura elegante, agradável, discreta, delicada, graciosa, chique, que ocupa um espaço exíguo e não perturba. A magreza remanda á saúde, beleza, inteligência, juventude, riqueza, atratividade, elegância, autodisciplina. As pessoas gordas pelo contrário são objetos de uma dupla discriminação. Ou são percebidas como divertidas, descomplicadas e libertinas, ou como indisciplinadas, fracas, negligentes, desleixadas, feias, sujas, assexuadas, doentes, sem controle, ambição e força de carácter. A opinião

generalizada é que as pessoas gordas têm dificuldade de autorregulação, porque não conseguem conviver com a necessária restrição calórica e são demasiado preguiçosas para praticar exercício físico regular. A gordura é associada a fealdade, indesejabilidade, irresponsabilidade, indolência, incapacidade e falta de controle. A discriminação que as pessoas que estão acima do peso sofrem devido à sua composição corporal não apenas é muito difundida como é encorajada por órgãos de saúde pública. Acredita-se que pessoas gordas não são saudáveis apenas por serem gordas. Ao atribuir aos indivíduos a responsabilização pela sua saúde, este discurso discriminante promove simultaneamente a sua culpabilização. A pessoa gorda responde por uma tripla acusação: falta de formosura, falta de retidão de espírito e falta de capacidade para gerenciar a própria saúde. Poucas coisas continuam a ser tão assustadoras como uma mulher que ocupa demasiado espaço, que se alimenta excessivamente, que segue impulsos e satisfaz os seus desejos, que persegue o princípio do prazer, que tem apetites vorazes, que se expande para além dos limites rígidos que a sociedade lhe impõe. Estamos constantemente bombardeados por mensagens que reforçam a necessidade de ‘disciplinar’ e ‘domar’ o corpo feminino - as suas formas, o peso, o cheiro, os fluidos, os apetites, os contornos, as excrescências, a pele que o reveste - para o aproximar de um “ideal” de beleza e feminilidade, no qual na realidade poucas mulheres se reconhecem.

As mulheres gordas são consideradas pouco atraentes sexualmente (quando não fetichizadas a nível sexual por não encaixar na norma); têm mais dificuldade em encontrar roupa ou lingerie jovem e sexy, em arranjar trabalhos que envolvam contacto com o público e em receber convites sociais; são consideradas menos saudáveis e são culpabilizadas pelo seu corpo, que é associado a uma demonstração de falta de carácter e de força de vontade; são sujeitas a constantes microagressões de todo o tipo, dentro e fora do contexto familiar.

A indústria da perda de peso disponibiliza no mercado uma panóplia de soluções que prometem resultados rápidos e definitivos, sem esforço. A maioria das mulheres que conheço, na qual me incluo, vivem controlando constantemente o seu peso, passando de uma dieta à outra, tomando comprimidos para aumentar o metabolismo ou diminuir o apetite, comprando produtos adelgaçantes e submetendo o corpo a tratamentos estéticos mais ou menos invasivos ou até a cirurgias complexas e arriscadas para perder volume e reduzir as formas. Controlam o peso com fármacos, suplementos e substitutos de refeição a base de proteínas; empregam terapias alternativas, como fitoterapia, homeopatia, Medicina Tradicional Chinesa e hipnose para emagrecer. Pelo menos uma vez, todas experimentaram tratamento estéticos para derreter a gordura - como cremes, algas, argilas, cavitação, mesoterapia, criolipólise, endermologia, lipoaspiração não invasiva, pressoterapia, radiofrequência, carboxiterapia, adipocitólise química e outros tratamentos com nomes sedutores como VenusLipo, Bodywave, BodyShape. Estão dispostas a recorrer a tudo o que é ao seu alcance para conseguir a silhueta ideal. Mesmo que conscientes que as consequências de algumas escolhas para perder peso podem ser mais prejudiciais para saúde do que ter um leve excesso de peso, consideram que a esperança de alcançar o peso desejado vale o risco. Consideram que se fossem magras muitas coisas seriam mais simples e brincam com bastante autoironia sobre o seu peso, repetindo piadas e comentários que no fundo

as fazem sofrer. Mulheres que investem quantidades consideráveis de tempo, energia e dinheiro para entrar nos limites estreitos do tamanho 34, símbolo do corpo perfeito da elite da moda e das redes sociais. Mulheres em luta constante, guerreiras incansáveis na batalha contra o peso, para combater a flacidez, derrotar a celulite e conquistar o corpo dos sonhos, num quotidiano feito de sofrimento, sacrifício, esforço, disciplina e autocontrole constante. Uma luta que comporta dor, riscos, feridas e na qual se pode morrer.

As vítimas desta guerra são todas as pessoas que perderam a vida por causa de complicações que surgiram no decurso das cirurgias plásticas ou no pós-operatório, que obtiveram resultados muito aquém do desejado, que desenvolvem dismorfias corporais, distúrbios alimentares, problemas de autoaceitação e depressões.

No entanto que estava a conduzir o meu trabalho de campo, recolhendo narrativas de mulheres que nunca se sentiram adequadas - no doloroso confronto com as imagens dos corpos perfeitos das capas das revistas - cruzei on-line com a notícia da morte de uma jovem italiana, Beatrice.

Num ato de desespero, com apenas quinze anos e toda uma vida para frente, esta menina jogou-se por baixo de um comboio, com a mochila da escola às costas. Segundo o que ela escreveu na carta que deixou para pedir perdão aos pais não queria terminar com a vida, mas acabar com a dor da não conformidade, da rejeição, dos julgamentos, do escárnio dos colegas. Suicidou-se porque odiava o seu corpo e as suas supostas “imperfeições”, a carne que transborda e que não cabe nas medidas “perfeitas” que a sociedade da aparência impõe.

A história desta menina é emblemática pela dor que representa: o suicídio é o ato final de uma tragédia que continua depois do desaparecimento da protagonista principal. Os chacais ignóbeis que a desprezavam, continuaram a humilhá-la e a menosprezá-la nas redes sociais pelo seu corpo não conforme, mesmo depois do trágico epílogo. Ao mesmo tempo, milhares de mulheres reconheceram-se no desespero da jovem e contaram on-line da sua própria inadequação, da culpa, da dor e da vergonha. Lembrei-me ao improviso dos meus tempos do liceu, na mesma escola que Beatrice frequentava, da mesma linha de comboio que eu atravessava todos os dias na nossa cidade, dos mesmos olhares que me avaliavam e julgavam, do mesmo medo de não ser magra ou bonita o suficiente. De repente a história da Beatrice tornou-se a minha história, da minha filha, das minhas amigas magras com esforços e ‘contra-natura’, de todas as mulheres que não comem para serem leves como plumas, que desenvolvem distúrbios alimentares que podem levar à morte, que lutam constantemente para conter as suas formas naquele espaço XS que a sociedade nos impõe. O trabalho destes anos, em parte representado pela exposição *Be Fu**ing Perfect*, nutre-se da esperança de conseguirmos num futuro próximo tornar os nossos ideais de beleza mais abrangentes, variegados e inclusivos. Para que cada pessoa possa ser como é, na sua especificidade; sentir-se bonita e sensual, amando a sua imagem ao espelho; e ocupar no mundo o espaço que quer, em liberdade. Para que não haja mais violência e discriminação. Para que não haja mais vítimas. Este texto é dedicado a Beatrice e à sua família.

The weight of standards – about fatphobia and social limits

In the Eighties, I was crossing that subtle line - which can be extremely heavy - between childhood and adolescence. Like most children of my generation, I spent a lot of time watching cartoons and commercials aimed at my age group. I remember in particular the advertisement for a Kinder snack, in which a boy asked his friend - a beautiful, happy, smiling, thin girl - if she wanted a snack and she replied in shock: "Are you crazy? You want me fat and pimply? The message was not that Kinder was low in calories, but that being fat and not having perfect skin was one of the worst things that could happen to you.

In those years the world was not exactly "politically correct" and in cartoons, films and television series the strongest people were portrayed as clumsy, lazy, undisciplined, ridiculous. At most they could represent the funny friends of the protagonists, who were always thin and handsome - that category of human beings that my daughter would define the "popular", as opposed to the "nerds".

I asked a group of 20 young people between the ages of 14 and 18 what the main characteristics of "popular" and "nerds" are. Briefly, the former are those who dress according to the fashion of the moment and wear designer clothes; who stay in exclusive groups in the playground, adopting more adult or 'cool' attitudes (like smoking or drinking), despising those who behave in a 'childish' way; who spend a lot of time on social networks; who are more successful in the market for romantic relationships; who invest time in the gym and eat by counting calories. Important point in our discussion: the 'popular' are always thin.

Nerds', on the other hand, are usually the best students, hang out in very small peer groups, are more shy and ignored in the playground, do not easily get girlfriends, are not invited to the parties 'that count', perform poorly in sports, spend a lot of time on the internet, eat without much concern for the line, are not considered attractive and beautiful and, in general, are fatter or excessively thin and asthenic.

While men are also the target of that specific form of discrimination called fatphobia (disgust or prejudice against fat people), the people most affected are women and that is why women are more vulnerable to developing eating disorders. Female standards of beauty, at least in the European context, value the slim, long and slender body of the mannequins. Fatness contrasts with the gender performance that women have to put on in our society: an elegant, pleasant, discreet, delicate, graceful, chic

figure that occupies a small space and does not disturb. Thinness relegates health, beauty, intelligence, youth, wealth, attractiveness, elegance, self-discipline. Fat people on the contrary are objects of a double discrimination. They are either perceived as funny, uncomplicated and libertine; or as undisciplined, weak, negligent, slovenly, ugly, dirty, asexual, sickly, lacking control, ambition and strength of character. The widespread opinion is that fat people have difficulty in self-regulation because they cannot live with the necessary calorie restriction and are too lazy to take regular exercise. Fat is associated with ugliness, undesirability, irresponsibility, indolence, incapacity and lack of control. The discrimination that people who are overweight suffer because of their body composition is not only widespread but is encouraged by public health bodies. Fat people are believed to be unhealthy just because they are fat. By assigning individuals the responsibility for their health, this discriminating discourse simultaneously promotes their culpability. The fat person is answerable for a triple accusation: lack of beauty, lack of uprightness of spirit and lack of ability to manage their own health.

Few things remain as frightening as a woman who occupies too much space, who overfeeds herself, who follows impulses and satisfies her desires, who pursues the pleasure principle, who has voracious appetites, who expands beyond the rigid limits that society imposes on her. We are constantly bombarded by messages that reinforce the need to 'discipline' and 'tame' the female body - its forms, weight, smell, fluids, appetites, contours, excrescences, the skin that covers it - in order to bring it closer to an 'ideal' of beauty and femininity, in which in reality few women recognise themselves.

Fat women are considered sexually unattractive (when not fetishized at a sexual level for not fitting into the norm); they have more difficulty in finding young and sexy clothes or lingerie, in getting jobs that involve contact with the public and in receiving social invitations; they are considered less healthy and are blamed for their body, which is associated with a demonstration of lack of character and willpower; they are subjected to constant micro-aggressions of all kinds, within and outside the family context.

The weight loss industry makes available on the market a panoply of solutions that promise fast and definitive results, without effort. Most women I know, myself included, live in constant control of their weight, going from one diet to another, taking pills to increase metabolism or reduce appetite, buying slimming products and subjecting their bodies to more or less invasive aesthetic treatments or even complex and risky surgeries to lose volume and reduce shapes. They control their weight with drugs, supplements and protein-based meal replacements; they employ alternative therapies such as herbal medicine, homeopathy, traditional Chinese medicine and hypnosis to lose weight. All have at least once tried aesthetic treatments to melt away fat - such as creams, seaweed, clays, cavitation, mesotherapy, cryolipolysis, endermology, non-invasive liposuction, pressotherapy, radiofrequency, carboxitherapy, chemical adipocytolysis and other treatments with enticing names like VenusLipo, Bodywave, BodyShape. They are willing to do everything in their power to achieve the ideal silhouette. Even though they are aware that the consequences of some weight-loss choices may be more harmful to health than being slightly overweight, they consider that the hope of reaching the expected weight is worth the risk. They

consider that if they were thin many things would be simpler and they play with a lot of self-irony about their weight, repeating jokes and comments that deep down make them suffer. They invest considerable amounts of time, energy and money to enter the distressing limits of size 38, the symbol of the perfect body of the fashion elite and social networks. They live in constant struggle, tireless warriors in the battle against weight, to fight flabbiness, defeat cellulite and conquer the body of their dreams, in a daily life made of suffering, sacrifice, effort, discipline and constant self-control. A fight that involves pain, risks, wounds and in which one can die.

The victims of this war are all the people who have lost their lives because of complications that have arisen during plastic surgery or post-operatively, who have obtained results that are far less than desired, who develop body dysmorphia, eating disorders, self-acceptance problems and depression.

However I was conducting my fieldwork, collecting narratives from women who never felt adequate - in the painful confrontation with the images of perfect bodies on magazine covers - I came across the news online of the death of a young Italian woman, Beatrice.

In an act of desperation, only fifteen years old and with her whole life ahead of her, this girl threw herself under a train with her school bag on her back. According to what she wrote in the letter she left to ask forgiveness from her parents, she did not want to end her life, but to end the pain of non-conformity, of rejection, of judgments, of mockery from her peers. She committed suicide because she hated her body and its supposed "imperfections", the overflowing flesh that does not fit into the "perfect" measurements that the society of appearance imposes.

The story of this girl is emblematic for the pain it represents: suicide is the final act of a tragedy that continues after the disappearance of the main protagonist. The ignoble jackals that despised her, continued to humiliate and belittle her on social media for her non-compliant body, even after the tragic epilogue. At the same time, thousands of women recognised themselves in the young woman's despair and told online of their own inadequacy, guilt, pain and shame. I recalled offhand my high school days, at the same school Beatrice attended, the same train tracks I crossed every day in our city, the same stares that evaluated and judged me, the same fear of not being thin or pretty enough. Suddenly Beatrice's story became my story, my daughter's, my struggling and 'counter-natural' thin friends, all the women who don't eat to be light as feathers, who develop eating disorders that can lead to death, who constantly struggle to contain their shapes in that XS space that society imposes on us. The work of these years, partly represented by the *Be Fu**ing Perfect* exhibition, is nourished by the hope that we can in the near future make our ideals of beauty more comprehensive, variegated and inclusive. Our hope is that each person can be as they are, in their specificity; feeling beautiful and sensual, loving their image in the mirror; and occupying the space they want in the world, in freedom. We all work in order to fight violence and discrimination. In order to not have more victims. This text is dedicated to Beatrice and her family.



"Final
Acceptance Trial"
FAT series, 2018
Evija Laivina



"FAT 5"
FAT series, 2018
Evija Laivina



"FAT 2"
FAT series, 2018
Evija Laivina

Bran quea mento de Pele

Isabel Pires, Chiara Pussètti

Branquear voluntariamente a pele não é algo de novo na história da humanidade.

O uso cosmético de substâncias de branqueamento da pele é uma prática que se encontra um pouco por todo o globo: da Europa à Ásia, do Médio Oriente à África ou às Caraíbas, passando pela América, do Norte ao Sul. De igual forma, é transversal do ponto de vista de idade, género, situação económica, nível de escolaridade ou profissão.

Apesar dos motivos serem pessoais, transpondo os indivíduos a prática constitui-se como um fenómeno social, intimamente relacionada com questões de “raça” e de classe social.

Das várias investigações realizadas sobre este tema, as opiniões unânimes sugerem que adquirir um tom mais claro de pele significa, para os seus executantes, que se está a tentar adquirir, ou demonstrar, uma elevação de estatuto social.

Ainda centrada na beleza normativa branca - vejam a cultura popular, onde um indivíduo que encarna o “sucesso” é, invariavelmente, branco, jovem, heterossexual - ostentar uma pele clara revindica uma posição de privilégio.

Para muitas pessoas, tornar a pele mais clara não significa apenas torna-la, aos olhos dos padrões hegemónicos, mais bonita. Esta questão vai muito para além da beleza aos olhos de quem a vê.

A correlação pele clara-sucesso é inequívoca: melhores oportunidades escolares, laborais ou matrimoniais. Mas não é única: correlaciona-se também com o local onde se habita, a sua salubridade, a esperança média de vida, a mortalidade infantil.

A ideia de “branquitude” - disseminada pela colonização europeia mas que encontrou eco em sociedades já marcadas por hierarquias sociais rígidas - está associada a valores morais positivos e a múltiplos privilégios estruturais. Pessoas mais claras são percebidas como mais atraentes, mas também mais educadas ou sofisticadas. Mais inteligentes até.

Se na Ásia se utilizava, desde tempos longínquos, pó de arroz para conseguir uma pele de porcelana ou jade, símbolo de virtude e pureza, quase todos os produtos cosméticos a partir do séc. XVI na Europa, eram direcionados para o branqueamento da face. A ideia de requinte manteve-se.

Hoje, encontramos em qualquer supermercado, farmácia, drogaria ou perfumaria, loções que prometem uma pele “pura”, “perfeita”, “luminosa”, “glamorosa”, “angelical”, “luxuosa”, perpetuando a ideia de pele branca como “melhor”.

Todavia, quem procura aclarar a pele (dito muitas vezes tonalizar), procura também outros produtos que, devido aos seus constituintes, são potencialmente perigosos para a saúde, não apenas da pele mas de forma geral. Chumbo, mercúrio, corticoides de larga potência, hidroquinona. Também formulações caseiras, com lixívia, pasta de dentes, líquido de bateria de carros ou detergentes de limpeza. Tudo depende da capacidade monetária para adquirir estes produtos.

Durante os anos de investigação do projeto deparámo-nos com muitos destes produtos cosméticos - para além de cremes, também comprimidos, supositórios e injeções - vendidos de forma não controlada legalmente, em supermercados ou salões de estética.

Se os médicos dermatologistas desconhecem estas práticas, também a maioria dos indivíduos que as pratica não está consciente dos seus riscos: queimaduras, infeções, glaucoma, hipertensão, diabetes, problemas renais, hepáticos e neurológicos - dependendo do composto utilizado.

O risco impende sobretudo sobre as mulheres, as principais consumidoras - afinal, não é sobre elas que o Mito da Beleza pesa? - mas também sobre crianças, mesmo durante a gravidez.

Ouvindo as experiências das pessoas implicadas entendemos quão imbricada está esta prática em relações históricas, sociais, políticas e económicas. Mas também afetivas e íntimas.

Assumindo a perpetuação das heranças coloniais, que racializam ainda hoje a maneira como olhamos o nosso corpo e a nossa pele, é necessário, mais do que nunca, descolonizar a beleza.

Skin Bleaching

Voluntary whitening of the skin is not new in human history. The cosmetic use of skin whitening substances is a practice that can be found all over the globe: from Europe to Asia, from the Middle East to Africa over the Caribbean to America, from North to South. Not only geographically, it is also transversal from the viewpoint of age, gender, economic situation, level of education and profession.

Although the motives to engage in skin whitening are personal, the practice is a social phenomenon, closely related to issues of "race" and social class.

From the various researches conducted on this topic, the unanimous opinions suggest that acquiring a lighter shade of skin means, for its performers, that one is trying to acquire, or demonstrate, an elevation of social status.

When we look at popular culture, where an individual who embodies 'success' is invariably white, young and heterosexual, we can see that light skin revendicates a position of privilege.

This focus on normative white beauty further means that for many people, making their skin lighter does not only mean making it more beautiful, in the eyes of hegemonic standards. It reaches well beyond the old saying "beauty lies in the eye of the beholder".

The correlation between fair skin and success is unequivocal: it gives you better opportunities in school, in work or in marriage. And that the benefits go even further: it improves the place where you live, its healthiness, your life expectancy and even infant mortality.

The idea of "whiteness" - disseminated by European colonization and echoed in societies already marked by rigid social hierarchies - is associated with positive moral values and multiple structural privileges. Lighter people are perceived as more attractive, are also more educated or sophisticated, even more intelligent.

Colorism (which is discrimination by skin tone within communities of the same color) marks a clear relationship between opportunities for social mobility, ethical-racial discrimination and social exclusion... of those who do not conform.

When in Asia, since ancient times, rice powder was used to achieve a porcelain or jade skin, symbol of virtue and purity; almost all cosmetic products since the 16th century onwards in Europe were aimed at whitening the face. The idea of refinement remained.

Today, we can find in any supermarket, pharmacy, drugstore or perfumery lotions that promise a "pure", "perfect", "luminous", "glamorous", "angelic", "luxurious" skin, perpetuating white skin as "better".

However, those who seek to lighten their skin (also called toning), also seek other products that, due to their composition, are potentially dangerous for the health, not only for the skin but also in general. Think of components as lead, mercury, high potency corticoids and hydroquinone. Also, homemade formulations, with bleach, toothpaste, car battery fluid or cleaning detergents. Everything depends on the purchasing capacity to acquire these products.

During the years of project research, we came across many of these cosmetic products - in addition to creams, also tablets, suppositories and injections - sold without legal framework in supermarkets or beauty salons.

If even dermatologists are unaware of these practices, then most individuals who use them are certainly unaware of the risks: burns, infections, glaucoma, hypertension, diabetes, kidney, liver and neurological problems - depending on the product used.

Women, who are the main consumers, are most at risk. After all, isn't it on them that the Beauty Myth weighs? But the risk goes further, to - children and pregnant women.

Listening to the experiences of the people involved, we understand how imbricated this practice is in historical, social, political and economic relations.

Assuming the perpetuation of colonial heritages, which still today racialize the way we look at our bodies and our skin, it is necessary, more than ever, to decolonize beauty.

Delica tessen

Chiara Pussetti

Delicatessen apresenta de forma irônica implantes mamários destinados à construção dos seios "ideais", segundo os cânones da indústria da estética. De acordo com a literatura médica, a perfeição dos seios define-se através de três números: 45, 55, 20 (45% do volume no polo superior, 55% no polo inferior, 20º é a inclinação do mamilo que deve ser projetado para cima e posicionado bem no centro da mama). Para conseguir este ideal de peito perfeito, emblema da feminilidade, muitas pessoas recorrem à cirurgia plástica e escolhem próteses de silicone na base da forma (redonda, cônica, anatômica ou em gota), da projeção, do material (silicone ou próteses salinas) e do volume (de um mínimo de 120 ml a um máximo consentido de 850 ml). Seios grandes e firmes são geralmente considerados mais atrativos pelos homens, associados a sensualidade, erotismo e fertilidade. Da mesma forma, lábios e nádegas mais cheias são considerados mais atraentes sexualmente. Também as mulheres tendem a privilegiar seios maiores, ainda que a razão principal pela qual recorrem à cirurgia estética esteja ligada à perda da firmeza depois da gravidez e da amamentação (os seios "caídos" ou "esvaziados"). As mudanças físicas associadas ao parto, à amamentação e ao envelhecimento são consideradas negativamente, associando o auge da sensualidade e da perfeição física ao período da vida adulta antecedente à maternidade. Não é pouco frequente que as mulheres depois do parto decidam recorrer a intervenções cirúrgicas conjuntas (mommy makeover), que incluem abdominoplastia, lipoaspiração e mamoplastia com elevação mamária, com o objetivo de - como afirmam as publicidades das clínicas que oferecem este serviço - "resgatar o corpo anterior à gravidez", "corrigir os estragos da maternidade", "eliminar as alterações incômodas do corpo de mãe", "reconquistar a silhueta ideal", "voltar à boa forma", "recuperar a feminilidade e a autoestima".

As mulheres que entrevistei e que recorreram à cirurgia para aumentar os seios, associam a (re)construção do peito alto, firme e voluptuoso à construção social da feminilidade como desejada. Sendo o projeto que coordenei dedicado a intervenções destinadas ao "melhoramento" humano, na pesquisa não entrevistamos mulheres que tiveram que executar reconstrução mamária na sequência de uma mastectomia ou mulheres transgênero que recorreram à cirurgia para criar os seios desejados, sendo no primeiro caso uma decisão ligada à doença e no segundo à adequação à identidade de gênero. Os seios são o elemento do corpo que mais afirma culturalmente a feminilidade e que define de forma visível e tangível a mulher como tal. Algumas das mulheres que participaram do estudo privilegiaram, na escolha da forma e da dimensão, implantes de aspecto mais "natural", no entanto a maioria das entrevistadas escolheu próteses maiores relativamente ao tamanho original, mesmo que o resultado final fosse mais "artificial". A preferência é facilmente reconduzível à posição social das entrevistadas. Nas classes sociais mais elevadas e em meios mais elitistas, as mulheres preferem manter discrição e privacidade sobre as intervenções estéticas efetuadas e portanto tendem a privilegiar resultados naturais e pouco chamativos. Nas classes mais populares, no geral, prefere-se um corpo mais voluptuoso, com seios e glúteos muito volumosos. Mesmo estando contentes com o resultado da mamoplastia de aumento, que permite ter seios redondos, firmes, grandes e resistentes à gravidade, quase todas as entrevistadas afirmaram que desejam aumentar o tamanho do implante numa próxima cirurgia. A afirmação do peito "siliconado" pode ser considerada de forma positiva como declaração de uma escolha consciente de autotransformação, de controle sobre o corpo e as suas mudanças, de empoderamento

feminino e de boa posição económica, já que muitas ressaltam o dinheiro investido neste tipo de transformação corporal e subjetiva.

As mulheres falam dos seus implantes como atributos ou até objetos que podem ser comprados, oferecidos como presente, e até exigidos aos companheiros - especialmente como recompensa depois de terem cumprido a função reprodutiva. Os seios da mulher de alguma forma pertencem também ao parceiro sexual - seja este marido, namorado ou amante - e, no geral, na escolha da prótese tenta-se agradar ao companheiro, correspondendo às suas preferências eróticas. Algumas mulheres referem-se aos seus seios como algo próximo, porém diferente de si (as manas, as primas, as gêmeas, as meninas, as duas amigas). A objetificação dos seios femininos é particularmente evidente na terminologia popular utilizada para os descrever. De uma recolha sumária efetuada online das gírias portuguesas existentes para se referir aos seios femininos, evidencia-se um imaginário cultural que os aproxima a objetos que podem ser comprados, alimentos passíveis de serem consumidos (marufas, marmelos, melões, bombocas, figuinhos, laranjas, mamões, peras, nêspers, tangerinas, ovos estrelados, sacos de café), brinquedos para serem agarrados (bolas, balões, berlindes, petancas), partes de automóveis ou “coisas” não humanas (airbags, buzinas, para-choques, faróis, holofotes, prateleiras, boias), elementos da natureza (margaridas, hortênsias), ou ainda objetos destinados ao conforto (chuchas, chupetas, almofadas). A instalação Delicatessen brinca de forma crítica com este imaginário objetificante do peito feminino - e das mulheres no geral - servindo numa mesa implantes mamários como sobremesas suculentas, merengues com morangos a imitar o mamilo, disponibilizadas ao público para ser comidas com os olhos. Corpo exibido, desejado, degustado pelo olhar insaciável e guloso do público. Uma nova forma de comer, porque os olhos também comem.

Delicatessen ironically presents breast implants intended to build the "ideal" breasts, according to the canons of the aesthetics industry. According to medical literature, three numbers define breast perfection: 45, 55, 20 (45% of volume in the upper pole, 55% in the lower pole, 20° is the inclination of the nipple which must be projected upwards and positioned right in the centre of the breast). To achieve this ideal of the perfect breast, emblem of femininity, many people resort to plastic surgery and choose silicone prostheses on the basis of the shape (round, conical, anatomical or drop-shaped), the projection, the material (silicone or saline prostheses) and the volume (from a minimum of 120 ml to a maximum allowed of 850 ml). Men generally consider large, firm breasts - associated with sensuality, eroticism and fertility - more attractive. Similarly, fuller lips and buttocks are considered more sexually attractive. Women also tend to favour larger breasts, even if the main reason why they resort to cosmetic surgery is linked to the loss of firmness after pregnancy and breastfeeding (the "fallen" or "deflated" breasts). The physical changes associated with childbirth, breastfeeding and ageing are considered negatively, associating the peak of sensuality and physical perfection with the period of adult life preceding motherhood. It is not infrequent that women after giving birth decide to resort to joint surgical interventions (mommy makeover), which include abdominoplasty, liposuction and mammoplasty with breast lift, with the aim of - as the advertisements of the clinics offering this

service state - "rescuing the body of before pregnancy", "correct the damage caused by maternity", "eliminate uncomfortable changes in the mother's body", "recover the ideal silhouette", "get back in shape", "recover femininity and self-esteem".

The women I interviewed who resorted to breast augmentation surgery associate the (re)construction of the high, firm and voluptuous breast with the social construction of femininity as desired. As the project I coordinated is dedicated to interventions aimed at human "enhancement", in the research we did not interview women who had to perform breast reconstruction following a mastectomy or transgender women who resorted to surgery to create the desired breasts, the first case being a decision linked to the disease and the second to the adequacy to gender identity. Breasts are the element of the body that most culturally affirms femininity and visibly and tangibly defines a woman as such. Some of the women who took part in the study favoured, in the choice of shape and size, implants with a more "natural" appearance, however the majority of the interviewees chose prostheses much larger than the original size, even if the final result was more "artificial". The preference is easily traceable to the social position of the interviewees. In the higher social classes and in more elitist environments, women prefer to maintain discretion and privacy regarding the aesthetic interventions carried out. Generally they prefer natural and unflashy results. In the lower social classes, in general, a more voluptuous body is preferred, with very voluminous breasts and buttocks. Although they are happy with the results of the augmentation mammoplasty, which allows them to have round, firm, large and gravity-resistant breasts, almost all the women interviewed already state that they would like to increase the size of the implant in the next surgery. The affirmation of the "siliconed" breast may be considered in a positive way as a statement of a conscious choice of self-transformation, of control over the body and its changes, of female empowerment and of good economic position, as many highlight the money invested in this type of corporal and subjective transformation.

Women speak of their implants as attributes or even objects that can be bought, offered as a gift, and even demanded from their partners - especially as a reward after having fulfilled the reproductive function. The woman's breasts somehow also belong to her sexual partner - be it her husband, boyfriend or lover - and in general when choosing the prosthesis one tries to please her partner, corresponding to his erotic preferences. Some of the women refer to their breasts as something close to them but different from them (the sisters, the cousins, the twins, the girls, the two friends). The objectification of female breasts is particularly evident in the popular terminology used to describe them. A summary collection made online of Portuguese slang to refer to female breasts shows a cultural imaginary that approximates them to objects that can be bought, foods that can be consumed, toys to be picked up, car parts or non-human "things", elements from nature, or even objects intended for comfort. The installation *Delicatessen* plays critically with this objectifying imaginary of the female breast - and of women in general - by serving breast implants on a table as succulent desserts, meringues with strawberries imitating the nipple, available to the public to be eaten with the eyes. Body displayed, desired, tasted by the insatiable and gluttonous gaze of the public: a new way of eating, because the eyes also eat.

Instalação feita para a exposição
com implantes mamários e produtos
injectáveis, simulando um apetecível
repasto pronto a servir
Installation made for the exhibition
with breast implants and injectable
products, simulating an appetizing
meal ready to serve





Get out of the Fu**ing Closet!

Chiara Pussetti

Os brinquedos desempenham um papel significativo no desenvolvimento das crianças. Como para muitas meninas no mundo, a icónica Barbie foi a minha referência de perfeição feminina nas brincadeiras infantis, com o seu corpo liso, esbelto e plástico, os grandes olhos azuis e os longos cabelos loiros: emblema perfeito dos padrões hegemónicos euro-americanos.

Adorava brincar às Barbies. A minha Barbie tinha uma mansão, um carro descapotável cor-de-rosa, um iate de luxo, um guarda-roupa deslumbrante, imensos acessórios, um namorado bem-apessoado e amigos como pano de fundo do seu pequeno mundo plástico. A intenção original da sua criadora, Ruth Handler, era "permitir que as raparigas projetassem nela o seu futuro". A Barbie tinha um estilo de vida com o qual sonhava, feito de total conforto material, liberdade, independência, beleza e glamour.

Magra, tonificada, pernas longas, eternamente jovem, branca, loira, heterossexual, cisgénero, sem pelos, sem marcas, cintura fina, peito alto e escultural, sempre maquilhada, sexy porém anatomicamente incompleta pela ausência de genitais, a Barbie tornou-se para mim no curso dos anos o emblema da violência do corpo-normativo e da sociedade do consumo. Carregada de contradições continuou, todavia, presente no meu imaginário (e na minha casa) como um objeto ao mesmo tempo de fascínio, conflito e rancor.

É certamente por causa desta minha relação complexa com a Barbie e o ideal de perfeição que ela representa que nasceram o projeto *The Pursuit of Excellence* que coordenei no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia); a exibição artística *Be Fu**ing Perfect* da qual fui curadora; o documentário *Arquivo das práticas de melhoramento em Portugal* realizado por Francesco Dragone; e a série de workshops *Barbie Hackeada* que conduzi com Isabel Pires e Federica Manfredi envolvendo mais de cento e cinquenta mulheres em diferentes países (Brasil, Portugal, Itália, Alemanha, Dinamarca e Inglaterra).

Nestes workshops convidamos mulheres de idade, origem e classe social diferentes a "hackear" ou transformar uma Barbie para reproduzir no corpo plástico da boneca a sua própria biografia somática, as suas marcas, feridas, as suas histórias no mundo real. O que as mulheres pensam, sentem e esperam hoje quando se relacionam com a Barbie? Até que ponto este modelo de beleza ideal e irreal nos condiciona ainda nas manipulações quotidianas da nossa corporeidade, desde as dietas, à maquilhagem, ao cabeleireiro até às intervenções mais profundas da medicina cosmética? Quais "projetos corporais" surgem no nosso confronto com a Barbie, em termos de imitação, autodefinição ou contestação? Como seria o corpo da Barbie no mundo real? Seria a sua vida tão em cor-de-rosa?

As mulheres que aceitaram este desafio criaram registos visuais para ilustrar o processo de manipulação da Barbie e explicitar o significado de cada alteração. As Barbies hackeadas têm estrias, celulite, rugas, sinais, nódos, pelos, cicatrizes, gordura, tatuagens, escarificações, cabelos fracos ou grisalhos, flacidez, vitíligo, genitália, cuecas, pensos higiénicos, cicatriz da cesariana, mas podem por exemplo não ter um seio, ou uma perna. Recolhemos Barbies transgénero, travesti, idosas, com deficiências, com os olhos sulcados por lágrimas, cansadas, traídas, humilhadas, com marcas de violência doméstica. Através da alteração da figura perfeita da boneca, as mulheres

reais falaram de maternidade, depressão, desigualdades sociais, disparidade no mercado do trabalho, discriminação, de gordofobia, abuso sexual e racialização dos corpos.

Encontrei mulheres em luta contra si mesmas, perenemente em estado de guerra - para ganhar a batalha contra o tempo, combater a celulite, derrotar a gordura, conquistar a fisionomia ideal. Mulheres que desprezam o próprio corpo, que nunca se acharam suficientemente bonitas ou magras, que estão dispostas a sofrer, a investir dinheiro, tempo e energia para “corrigir” um corpo que não se conforma aos ideais dominantes.

Mulheres que se obrigam a rígidos regimes disciplinantes - dietas absurdas; comprimidos para suprimir a fome e acelerar o metabolismo; maquiagem mais ou menos permanente; depilação; unhas, pestanas e cabelos postiços; manicura e pedicura; tratamentos de medicina estética; intervenções de cirurgia plástica - internalizando o hábito de examinar quotidianamente de forma hipercrítica a sua aparência.

Mulheres que são mães, esposas, amantes, trabalham fora e dentro casa horas a fio, que devem ser bonitas, porém não ordinárias ou demasiado propositivas, nunca podem se descuidar, que devem combater o envelhecimento, que não devem ser rudes, convencidas, egoístas ou fora do padrão. Mulheres que tentam corresponder a características que refletem a influência do patriarcado, do capitalismo, do sexismo, do racismo, do classismo e do capacitismo: manter uma figura elegante, agradável, discreta, delicada; ocupar um espaço exíguo, falar pouco e não perturbar demasiado. Mulheres que enfrentam intervenções cirúrgicas para ter a cintura mais fina, o peito mais alto, a vulva mais rosada, apertada e com lábios mais pequenos e simétricos (cirurgia chamada ninfoplastia, labioplastia, “barbigina” ou “barbie vagina”).

Que injetam botox no pescoço para conseguir o porte elegante da boneca (o “Barbie-tox” ou “Barbie botox”); que pedem uma “Barbie rinoplastia”; que viajam até a Turquia para efetuar um complexo Barbie Makeover ou “cirurgia Barbie” que promete numa única cirurgia todas as características mais icónicas da Barbie - o seu pé perpetuamente flexionado, o pescoço longo, o nariz minúsculo, o peito alto através de lifting mamário e implantes. Estamos constantemente expostos a representações irrealistas e inatingíveis de beleza.

Observamos hoje o mundo através de filtros e manipulação digital e assim comparamo-nos com corpos virtuais que não existem na realidade. Esta é uma batalha perdida: nunca seremos suficientes porque os parâmetros estão constantemente a ser redefinidos, mudando de acordo com as novas tendências e os interesses da indústria da beleza. A discrepância entre o ideal e o real gera insatisfação e sofrimento. E, numa sociedade capitalista, ambos equivalem a oportunidades de lucro. Entre todos, as mulheres e em particular as adolescentes são vítimas fáceis de uma indústria que prospera fazendo-nos sentir errados, feios, desviantes, inadequados e imperfeitos.

As histórias narradas através das Barbies manipuladas falam de discriminação, racialização e desigualdade. Uma mulher negra criou uma nova Barbie a partir da clássica boneca branca e loira com um trabalho minucioso de transformação da cor da pele, dos lineamentos do rosto, da textura e do penteado do cabelo, das formas das ancas e das coxas. Criou uma Barbie diferente, realçando de forma crítica como as

Barbies definidas como “étnicas” (que não se chamam Barbie, mas têm nomes exóticos como Shani, Asha, Christie e Michelle), são essencialmente idênticas ao modelo original, feita exceção por ligeiras variações na gradação da cor da pele - apresentando todas corpo esbelto, pernas longas e magras, lineamentos finos, cabelo liso, olhos grandes maquilhados, nariz pequeno, lábios carnudos, mas subtis abertos num sorriso.

Outras mulheres aumentaram o volume do corpo da boneca com diferentes técnicas para mostrar que mesmo a Barbie ‘curvy’ - lançada na coleção Barbie Fashionista - continua a ser magra mesmo que com ancas um pouco mais pronunciadas. Segundo os estudos de mercados, todavia foi a boneca menos apreciada pelas crianças, que a qualificaram como a Barbie gorda. Toda a linha exclusiva que recolhe as bonecas que desviam do corpo-norma - pela sua morfologia, funções, sexualidade, cor da pele e tamanho - não encontrou a simpatia do público e acabou para constituir uma edição limitada a baixo custo. Estas Barbies alternativas funcionaram como corpos “outros” destinados à celebração da Barbie “standard”, bonita enquanto “normal”.

Com plasticina e barro, as participantes dos workshops criaram à volta da figura esguia da boneca corpos que ocupam espaço, representando mulheres que se alimentam com gosto, que seguem impulsos e satisfazem desejos, que transgridem as normas, que procuram o seu prazer, que excedem o espaço que lhe é destinado, que não controlam as suas excrescências corpóreas, que tem apetites vorazes, que se expandem para além dos limites rígidos que a sociedade impõe. Através da manipulação da Barbie contaram publicamente histórias de violência, expuseram as suas feridas, físicas e psicológicas, as nódoas dos maltratos, os abusos. As narrativas que recolhi nos últimos três anos espelham perfeitamente o maravilhoso monólogo da Gloria, a funcionária da Mattel que no filme da Barbie é representada por América Ferrara, que aqui irei condensar numa única frase “É literalmente impossível ser uma mulher”.

Como a Gloria do filme, também eu “estou tão cansada de me ver a mim mesma e a todas as outras mulheres a esforçarem-se para que as pessoas gostem de nós”. É deste meu cansaço e da vontade de trabalharmos juntas na direção da mudança, que nasceu a ideia dos workshops e depois a instalação Get Out of the Fu**ing Closet, que integra a exposição Fu**ing Perfect. As nossas Barbies reais, depois de terem sido expostas em Lisboa durante um mês, encontram-se até final de Setembro no Ecomuseu Terra Mater (Picote, Miranda do Douro) onde mais mulheres estão agora empenhadas neste trabalho coletivo e colaborativo de manipulação das Barbies, com a coordenação local de Patrícia Geraldês. É realmente ainda tão difícil ser mulher e este exercício de transportar as Barbies na vida real foi e é uma ocasião única de autorreflexão e partilha de intimidade ao feminino, criando conexão entre as nossas emoções mais íntimas, os imaginários colectivos e as nossas expectativas futuras. Barbies “reais” que “saem do armário” para contar as suas histórias, reivindicando espaço e lugar de fala sem ter que pedir permissão, como afirma no filme Ruth Handler - a criadora da Barbie - encorajando a Barbie a enfrentar a vida real sem ficar à espera de permissões. Barbies “reais” que decidem lutar para lembrar a todas e todos que sermos altos, baixos, magros, gordos, brancos, negros, heterossexuais, gays, lésbicas, cisgéneros, transgéneros, etc., é algo que nos acontece e sobre o qual nada podemos fazer. Não temos verdadeiras escolhas, porque não podemos escolher ser quem não somos. Sermos pessoas que respeitam os outros, esta sim é uma escolha que podemos fazer e que está ao nosso alcance. Chegou o momento de fazer esta escolha.

Toys play an important role in children's development. Like many girls around the world, the iconic Barbie was my benchmark of feminine perfection in childhood play, with her smooth, slender plastic body, big blue eyes and long blonde hair: a perfect emblem of hegemonic Euro-American standards.

I loved playing with Barbies. My Barbie had a mansion, a pink convertible car, a luxury yacht, a stunning wardrobe, lots of accessories, a well-groomed boyfriend and friends as a backdrop to her little plastic world. The original intention of her creator, Ruth Handler, was "to allow girls to project their futures onto her". Barbie had a lifestyle to dream of, made up of total material comfort, freedom, independence, beauty and glamour.

Slim, toned, long-legged, eternally young, white, blonde, heterosexual, cisgender, hairless, unmarked, slim waisted, high-breasted and statuesque, always wearing make-up, sexy but anatomically incomplete due to her lack of genitals, Barbie has become for me over the years the emblem of the violence of the normative body and consumer society. Full of contradictions, she has nevertheless remained present in my imagination (and in my home) as an object of fascination, conflict and resentment.

It is certainly my complex relationship with Barbie and the ideal of perfection she represents that gave rise to the project *The Pursuit of Excellence*, which I coordinated at the Institute of Social Sciences at the University of Lisbon (funded by the Foundation for Science and Technology); the art exhibition *Be Fu**ing Perfect*, which I curated; the documentary *Archive of Improvement Practices*; the documentary *Archive of Improvement Practices in Portugal*, directed by Francesco Dragone; and the series of *Barbie Hacked* workshops that I conducted with Isabel Pires and Federica Manfredi, involving more than one hundred and fifty women in different countries (Brazil, Portugal, Italy, Germany, Denmark and England).

In these workshops we invited women of different ages, backgrounds and social classes to "hack" or transform a Barbie doll in order to reproduce in the doll's plastic body their own somatic biography, their marks, wounds, their stories in the real world. What do women today think, feel and expect when they relate to Barbie? To what extent does this ideal and unrealistic model of beauty still condition us in our daily manipulations of our corporeality, from diets, make-up, hairdressing to the more profound interventions of cosmetic medicine? What "body projects" emerge in our confrontation with Barbie, in terms of imitation, self-definition or contestation? What would Barbie's body look like in the real world? Would her life be so rosy?

The women who took up the challenge created visual records to illustrate the process of manipulating Barbie and to explain the meaning of each change. The hacked Barbies have stretch marks, cellulite, wrinkles, birthmarks, spots, hair, scars, fat, tattoos, scars, weak or grey hair, limpness, vitiligo, genitalia, trousers, sanitary towels, a caesarean scar, but they may not have a breast or a leg, for example. We collect Barbies that are transgender, transvestite, elderly, disabled, weepy, tired, betrayed, humiliated and scarred by domestic violence. By altering the doll's perfect figure, real women spoke about motherhood, depression, social inequalities, labour

market inequalities, discrimination, fatphobia, sexual abuse and the racialisation of the body.

I met women who fought against themselves, in a constant state of war - to win the battle against time, to fight cellulite, to defeat fat, to conquer the ideal physiognomy. Women who despise their own bodies, who never thought they were beautiful or thin enough, who are willing to suffer, to invest money, time and energy to 'correct' a body that doesn't conform to dominant ideals.

Women who force themselves into rigid disciplinary regimes - absurd diets; pills to suppress hunger and speed up the metabolism; more or less permanent make-up; waxing; false nails, eyelashes and hair; manicures and pedicures; aesthetic medicine treatments; plastic surgery - internalising the habit of hypercritically examining their appearance on a daily basis.

Women who are mothers, wives, lovers, who spend hours working outside and inside the home, who must be beautiful but not vulgar or too purposeful, who must never slack off, who must fight ageing, who must not be rude, conceited, selfish or out of place. Women who try to live up to characteristics that reflect the influence of patriarchy, capitalism, sexism, racism, classism and ableism: keep an elegant, pleasant, discreet, delicate figure, take up a small space, speak little and don't disturb too much. Women who have surgery to make their waists slimmer, their breasts higher, their vulvas pinker, tighter and their labia smaller and more symmetrical (surgery called nymphoplasty, labioplasty, "Barbie" or "Barbie vagina").

Those who inject Botox into their necks to achieve the doll's elegant figure (the "Barbietox" or "Barbie Botox"); those who ask for a "Barbie rhinoplasty"; those who travel to Turkey for a complex Barbie makeover or "Barbie surgery", which promises all of Barbie's most iconic features in a single operation - her perpetually crooked foot, her long neck, her tiny nose, her high breasts through breast lifts and implants. We are constantly exposed to unrealistic and unattainable representations of beauty.

We now view the world through filters and digital manipulation, comparing ourselves to virtual bodies that don't exist in reality. This is a losing battle: we will never be good enough because the parameters are constantly being redefined, changing according to new trends and the interests of the beauty industry. The discrepancy between the ideal and the real creates dissatisfaction and suffering. And in a capitalist society, both are synonymous with opportunities for profit. Women and teenagers in particular are easy victims of an industry that thrives on making us feel wrong, ugly, deviant, inadequate and imperfect.

The stories told by manipulated Barbies speak of discrimination, racism and inequality. A black woman created a new Barbie from the classic white and blonde doll, painstakingly changing the colour of her skin, the lines of her face, the texture and style of her hair, the shape of her hips and thighs. She has created a different Barbie, critically pointing out that the Barbies defined as "ethnic" (who are not called Barbie but have exotic names such as Shani, Asha, Christie and Michelle) are essentially

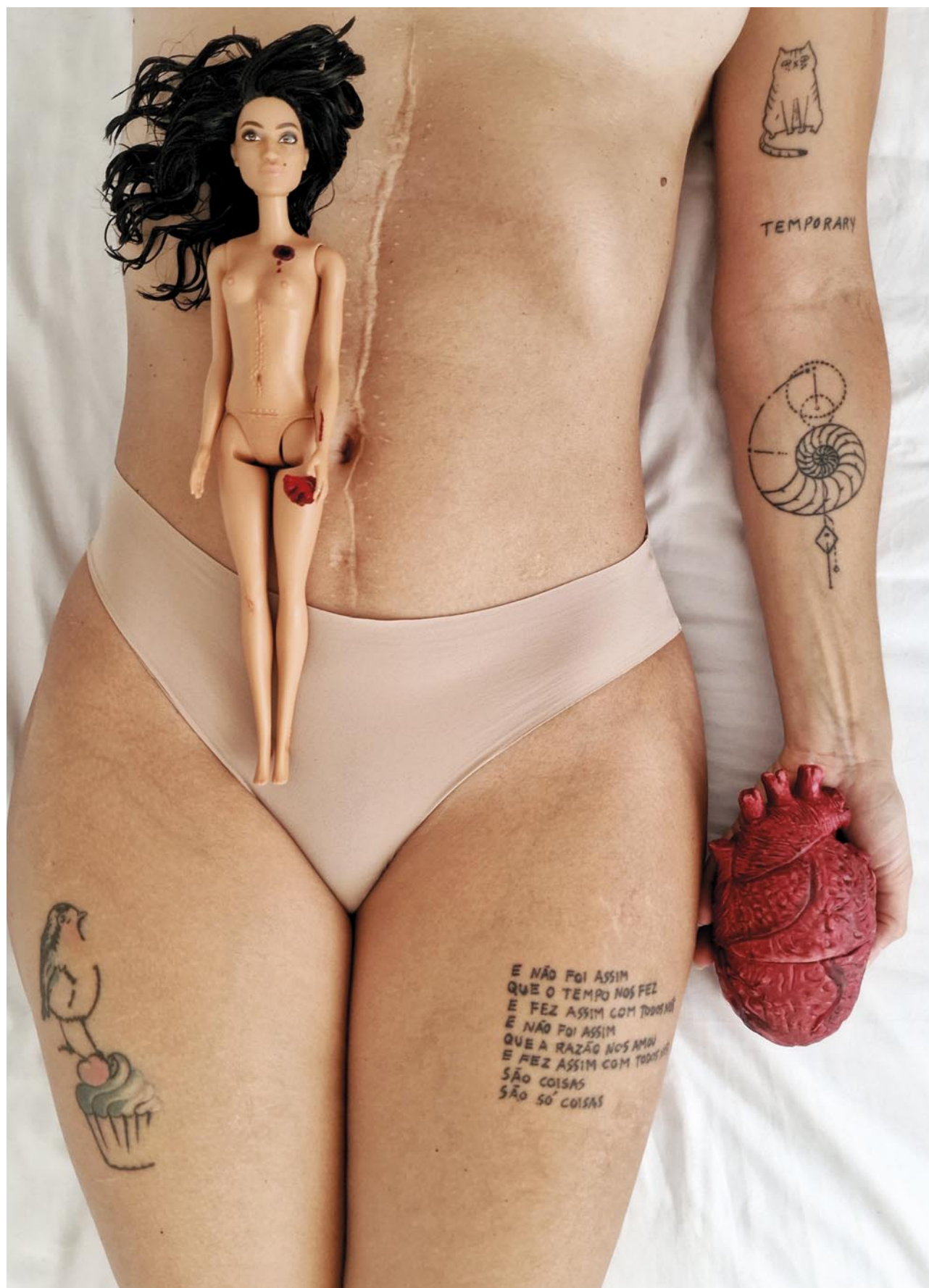
identical to the original model, except for slight variations in the gradation of skin colour - all with a slender body, long, slender legs, fine lines, straight hair, large, made-up eyes, a small nose, plump lips, but subtly opening in a smile.

Other women have used different techniques to increase the volume of the doll's body to show that even the 'curvy' Barbie - launched in the Barbie Fashionista collection - is still slim, even with slightly more pronounced hips. However, according to market research, she was the doll least liked by children, who described her as "fat Barbie". The entire exclusive line of dolls that deviated from the standard body - in terms of morphology, functions, sexuality, skin colour and size - was not well received by the public and ended up as a low-cost limited edition. These alternative Barbies functioned as 'other' bodies, intended to celebrate the 'standard' Barbie, beautiful but 'normal'.

Using plasticine and clay, the workshop participants created bodies around the doll's slender figure, occupying space, representing women who eat with gusto, who follow impulses and satisfy desires, who transgress norms, who seek their own pleasure, who exceed the space allotted to them, who don't control their bodily excrescences, who have voracious appetites, who expand beyond the rigid limits imposed by society. Through the manipulation of Barbie, they have publicly told stories of violence, exposed their wounds, both physical and psychological, the stains of mistreatment and abuse. The stories I've collected over the last three years perfectly echo the wonderful monologue of Gloria, the Mattel employee played by América Ferrara in the Barbie film, which I'll summarise here in a single sentence: "It's literally impossible to be a woman".

Like Gloria in the film, I am "so tired of seeing myself and all the other women struggling to get people to like us". It was out of this tiredness and the desire to work together for change that the idea for the workshops was born, followed by the installation *Get Out of the Fu**ing Closet*, which is part of the *Fu**ing Perfect* exhibition. After being on display in Lisbon for a month, our real Barbies will be at the Terra Mater Ecomuseum (Picote, Miranda do Douro) until the end of September, where more women are now involved in this collective and collaborative work of manipulating Barbies, with local coordination by Patrícia Gerales. It really is still so difficult to be a woman, and this exercise of bringing Barbies into real life was and is a unique opportunity for self-reflection and sharing the intimacy of the feminine, creating a link between our most intimate emotions, our collective imaginaries and our expectations for the future. "Real" Barbies who "come out of the closet" to tell their stories, claiming space and a place to speak without asking for permission, as Ruth Handler - Barbie's creator - says in the film, encouraging Barbie to face real life without waiting for permission. "Real" Barbies who decide to fight to remind everyone that being tall, short, thin, fat, white, black, straight, gay, lesbian, cisgender, transgender, etc. is something that happens to us and we can't do anything about it. We don't really have a choice because we can't choose to be who we're not. Being people who respect others is a choice we can make and one that is within our reach. It is time to make that choice.





E NÃO FOI ASSIM
QUE O TEMPO NOS FEZ
E FEZ ASSIM COM TODOS NÓS
E NÃO FOI ASSIM
QUE A RAZÃO NOS AMOU
E FEZ ASSIM COM TODOS NÓS
SÃO COISAS
SÃO SÓ COISAS



Bio hack ing

Federica Manfredi,
Chiara Pussetti

Ter um corpo perfeito significa mais do que ser bonitos: significa ser único, original e autêntico.

Algumas das características mais comuns que caracterizam uma aparência física perfeita são os músculos tonificados, a ausência de pelos corporais – pelo menos em partes específicas do corpo – ter uma silhueta proporcionada, pele luminosa e cabelo brilhante. No entanto, o trabalho de investigação indica que as pessoas esforçam-se também para produzir “uma melhor versão de si mesmos”, incluindo práticas que transformam o indivíduo em algo original e distinto dos outros e que incidem no profundo, além da superfície da pele.

Algumas pessoas interiorizam a pressão de serem perfeitas procurando intervenções alternativas, perseguindo objetivos de manipulação corporal não-mainstream – estamos a falar em biohackers ou biohacking. Se a modificação corporal é um termo geral referido a qualquer intervenção biológica, uma operação de biohacking é o ato de alteração dos processos do próprio corpo, numa tentativa de autoaperfeiçoamento. Alguns biohackers identificam-se no movimento social do “DIY”, pensando num melhoramento para além das capacidades humanas, isto é incorporando tecnologias para expandir os sentidos e aumentar as funcionalidades do corpo.

No projeto Excel, o biohacking é interpretado como a alteração dos corpos para alcançar uma versão melhorada do ser humano através de procedimentos não convencionais: segundo os entrevistados a necessidade contemporânea dos biohackers é a de criar corpos únicos e excepcionais, que ao mesmo tempo coincidem com a afirmação de uma ideia de self mais verdadeiro e autêntico. Portanto, a manipulação biológica é apenas o primeiro passo deste projeto de alteração porque o objetivo final é a alteração da forma em que os protagonistas se percebem a si próprios.

As pessoas que entrevistamos planeiam no detalhe corpos que correspondem ao sentido ideal de beleza para eles, no sentido de extrema originalidade e singularidade que define cada pessoa enquanto ser único.

Este processo pode envolver a experimentação de técnicas menos comuns de modificação do corpo, tais como a bifurcação da língua, a inserção de implantes de silicone ou ímãs, a escarificação decorativa, a marcação com queimaduras, as tatuagens combinadas com joias transdérmicas e os piercings em partes não convencionais do corpo.

Para além dos resultados estéticos do processo de biohacking, o trabalho de investigação evidenciou a importância do processo de construção como um todo, incluindo a exaltação e alteração da experiência sensorial, como no caso do procedimento chamado de ‘suspensão corporal’ – que implica a elevação contra a força de gravidade do protagonista através de ganchos de metal temporariamente inseridos na pele e ligados a cordas, erguendo a pessoa no ar durante o tempo que esta desejar.

Através de uma alteração consciente das capacidades perceptivas comuns, incluindo a exposição a uma quantidade controlada de dor, os protagonistas regeneram a sua relação com os outros, com a natureza e consigo próprios.

A experiência é a prova do controle e do poder individual sobre os limites do corpo, sobre os limites convencionalmente aceites das capacidades humanas, como o processo transformativo amplifica as potencialidades latentes dos que tiverem a coragem de avançar neste sentido.

Os procedimentos de biohacking provocam reações ambivalentes: frequentemente são considerados como em contradição com os padrões convencionais de beleza, e com o que é legítimo fazer com o nosso corpo. Muitas vezes o caráter exploratório e vanguardista da experiência da manipulação extrema é mal interpretado, sendo considerado como evidência de perturbação e desvio, de problemas psicológicos ou sociais, devido a rejeição das normas de beleza culturalmente aceites. Como reação, os biohackers preferem frequentemente não explicar a sua concepção do corpo e das suas escolhas, adotando uma estratégia de invisibilidade destas práticas no espaço do virtual, na família ou no trabalho. Nestes casos, a autenticidade do eu e a perseguição através da intervenção corporal está em antítese com a inclusão social e com o reconhecimento positivo dos esforços envolvidos.

Apesar da superficial compreensão das práticas de biohacking, os seus significados revelam que se trata também de uma forma de procura da perfeição, isto é o desejo de ser a cada momento uma versão melhor de si próprio, independentemente dos custos pessoais envolvidos.



A perfect body is more than aesthetic excellence: it strives for unicity, originality and authenticity.

Some of the most common features characterizing a spotless physical appearance can be toned muscles, absence of body hair in specific body's parts, proportioned silhouettes, luminous skins and a bright head of hair, but the evidence from the fieldwork indicates also efforts to produce "an everyday better version of myself" including outstanding elements that originally mark the individual and that operates more in depth than the skin layer.

Some people interiorize the pressure of being perfect seeking avant-garde operations with un-mainstream results of body manipulation, also known as biohacker or bio-hacking actors. If the body modification is a general term referred to any biological intervention concerning flesh and skin, a biohacking operation is the act of altering the processes of one's body in an attempt of self-improvement. Some bio-hackers identify themselves with the social movement "Do-it-yourself biology", aiming for the self-enhancement beyond human abilities: they embody technologies to empower senses and the body functionality.

In the Excel scientific project, biohacking has been understood as the self-design of bodies to achieve enhanced versions of the person through unconventional procedures: the voice and the meanings of interviewees confirm the contemporary need of original and unique combinations of physical appearances alongside with an authentic and fulfilled sense of the self. Therefore, the biology is only one aspect of the project because the ultimate goal is the empowerment of how the protagonists perceive themselves. The person actively engages in the planification of what is understood as a body that corresponds to an ideal sense of beauty, originality and uniqueness that promote the full person.

This process can involve the experimentation with less common techniques of body modification, such as tongue splitting, the insertion of silicon or magnetic implants, decorative scarification, brandings, or tattoos combined with transdermal jewellery and piercings in unconventional body parts. Beside the result of the biohacking, the fieldwork underlines the importance of the making process, including the sensory experience, such as in the case of the European procedure called body suspension. It involves the elevation of a protagonist through metal hooks temporary inserted in the skin and linked to ropes: pulling the main one, the person is elevated for as long as wished.

Through a conscious alteration of ordinary perceptual abilities, including the exposure to a controlled amount of pain, protagonists regenerate their relationship with the others, with the natural environment and with themselves. The experience is the proof of their control and power over body limits, over conventional understanding of human abilities, and the process enhances those who complete the dare. Biohacking procedures provoke ambivalent reactions, often seen as disobedient for the refusal of shared conventional rules concerning what a beautiful body should be

and what we are free to do with our bodies. Sometimes the explorative and avantgardist tone is misinterpreted as evidence of deviancy, biologically or socially based, arousing suspicious of noncompliance or rejection with cultural accepted beauty standards. As reaction, biohackers often renounce to explain their vision of the body and of the personality, adopting a strategy of invisibility online, during family meetings or in the working space. In these cases, the authenticity of the self, pursuit through the body intervention, is in antithesis with the social inclusion and with the positive recognition for the efforts involved.

Despite superficial perception of biohacking practices, their meanings reveal the praise of perfection, the desire to be every day the best version of themselves, no matter what it costs.





Cog nitive enhanc ement

Giorgio Gristina, Chiara Pussetti

Numa sociedade altamente competitiva, marcada por fortes expectativas de sucesso futuro, mas também pela experiência de insegurança associada à precariedade e ao desemprego, as competências cognitivas são muito valorizadas pelos cidadãos que recorrem a vários métodos para as melhorar. O aprimoramento cognitivo foi definido como a ampliação das capacidades centrais da mente por meios farmacológicos ou outros meios biotecnológicos. Esta seção da exposição, baseada nos dados coligidos dentro de um dos eixos de pesquisa do projeto EXCEL, explorou as motivações e expectativas subjacentes aos aprimoramentos cognitivos biomédicos, bem como os riscos e os limites éticos associados aos seus usos.

Ao longo do projeto EXCEL, dois conjuntos de práticas de aprimoramento cognitivo foram identificados como os mais relevantes para o contexto português e observados por meio de métodos qualitativos. Por um lado, a utilização de substâncias sujeitas a receita médica para melhorar o desempenho académico mostrou-se um hábito bastante comum, especialmente em departamentos altamente exigentes, como o de Medicina. Por outro lado, o uso de substâncias ilícitas, em particular o fenómeno da microdosagem - a prática de tomar regularmente doses muito pequenas de drogas psicadélicas para melhorar o foco, a energia, a criatividade e o humor - pareceu estar a espalhar-se significativamente em Portugal, em linha com uma tendência geral nos países ocidentais.

Os resultados do estudo em torno de substâncias sujeitas a receita médica foram apresentados pelo psicólogo Miguel Barbosa na palestra “Limitless? Imaginários, consumos e desafios no aprimoramento cognitivo” a 22 de setembro de 2022. O consumo destas substâncias foi analisado através de um questionário online preenchido por mais de mil participantes, entre estudantes de medicina e médicos recém-formados a candidatar-se ao exame de licença médica portuguesa. Como era expectável, o café foi a substância mais frequentemente relatada para fins de aprimoramento cognitivo em ambos os grupos. O uso de substâncias sujeitas a receita médica foi significativamente mais relatado pelos candidatos a exames de licenciamento, sendo o Metilfenidato e o Modafinil as substâncias mais consumidas. Atenção e memória foram as duas principais áreas de intervenção indicadas pelos estudantes que responderam ao questionário. Em mais da metade dos casos, os alunos declararam que obtiveram as substâncias através de prescrição médica regular, mostrando como a melhoria do desempenho académico é cada vez mais reconhecida enquanto objetivo legítimo de intervenção farmacológica.

Na palestra “Better living through acid. Os psicadélicos e a busca por uma humanidade excelente.” realizada a 13 de outubro de 2022, o antropólogo Giorgio Gristina apresentou o seu trabalho sobre o uso de substâncias psicadélicas com fins de aprimoramento cognitivo. O autor mostrou como o crescente entusiasmo em torno da microdosagem, impulsionado pelos média, assim como por um número considerável de empresas que começaram a vender produtos relacionados a psicadélicos, ainda carece de suporte científico. A pesquisa sobre este tópico é ainda muito recente. Além disso, devido à história peculiar, status legal e valor cultural das substâncias psicadélicas, esta pesquisa é geralmente afetada por um grau considerável de bias de seleção. A inscrição voluntária em ensaios tende a selecionar amostras de sujeitos

quase inteiramente provenientes de ambientes ditos WEIRD (Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic) e com uma história de interesse anterior em psicadélicos. A pesquisa etnográfica realizada na interface de investigadores e utilizadores de psicadélicos em Portugal mostrou que as fortes expectativas dos sujeitos têm um papel crucial em moldar os efeitos das drogas, dificultando a distinção entre microdoses e placebo numa recente pesquisa global online. Além disso, mostrou como a participação em estudos com psicadélicos é muitas vezes motivada mais pela vontade de participar de um esforço coletivo para re-legitimar essas substâncias do que pela urgência de aprimoramento cognitivo.

De formas diferentes, ambos os casos de estudo da seção sobre aprimoramento cognitivo contribuíram para mostrar a relevância deste fenómeno na sociedade portuguesa, e a urgência de uma compreensão mais profunda das motivações, desejos e expectativas que os cidadãos estão a desenvolver cada vez mais em torno de tais práticas e substâncias.

In a highly competitive society marked by strong expectations for future success but also by the experience of insecurity associated to precariousness and unemployment, cognitive skills are highly valued by citizens who use various methods to improve them. Cognitive enhancement has been defined as the amplification of core capacities of the mind by pharmacological or other biotechnological means. This section of the exhibition, based on the data collected within one of the research axis of the EXCEL project, explored the motivations and expectations underlying biomedical cognitive enhancements, as well as the risks and ethical limits of their use.

Along the course of the EXCEL project, two sets of cognitive enhancement practices were identified as the most relevant for the Portuguese context, and observed using qualitative methods. On one side, the non-medical use of prescription drugs to enhance academic performance was found to be a considerably common habit, especially in highly demanding departments such as Medicine. On the other side, the use of illegal substances, in particular the phenomenon of psychedelic microdosing - the practice of regularly taking very small doses of psychedelic drugs to boost focus, energy, creativity and mood - appeared to be spreading significantly in Portugal, following a general trend of the Global North.

The results of the study around prescription drugs was presented by psychologist Miguel Barbosa in the talk “Limitless? Imaginaries, consumption and challenges in cognitive enhancement” on September 22nd 2022. The use of these substances was analysed through an online questionnaire completed by more than a thousand participants, who were either medical students or newly qualified physicians applying for the Portuguese medical licensing exam. Not surprisingly, coffee was the most frequently reported substance for cognitive enhancement purposes in both groups. The use of prescription drugs instead was reported significantly more by licensing exam applicants, with Methylphenidate and Modafinil being the most consumed substances. Attention and memory were the two main areas of intervention indicated

by students in the questionnaire. In more than half of the cases, students declared that they obtained through regular medical prescription, showing how the betterment of academic performance is increasingly seen as a legitimate goal for pharmacological intervention.

In the talk “Better living through acid. Psychedelics and the quest for an excellent humanity.” held on October 13th 2022, the anthropologist Giorgio Gristina presented his work on the use of psychedelic substances as cognitive enhancers. The author showed how the increasing hype around microdosing propelled by the media alongside an exploding number of companies selling products related to psychedelics, still lacks support by actual scientific work. Human research on this topic by current scientific standards is in fact still seminal. Moreover, because of the peculiar history of psychedelic substances, their legal status and cultural value, research is generally affected by a considerable degree of selection bias. Voluntary enrolment in trials tends to select samples of subjects almost entirely coming from WEIRD (Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic) backgrounds and with a history of previous interest towards psychedelics. Ethnographic research conducted at the interface of psychedelic researchers and users in Portugal showed indeed that the strong expectations of microdosers had a crucial role in shaping the effect of drugs, making it difficult to distinguish between actual microdoses and placebo in a recent global online survey. Furthermore, it showed how participation in psychedelic studies was often motivated more by the will to take part in a collective effort to re-legitimize these substances than by a cognitive enhancement urgency itself.

In different ways, both case studies in the cognitive enhancement section contributed to show the relevance of this phenomenon for the Portuguese society, and the urgency for a deeper, qualitative understanding of the motivation, desires and expectations that citizens are increasingly developing around such practices and substances.



"Untitled 1 and 2"
Por Evija Laivina para o livro
"Super-humanos. Desafios e limites
da intervenção no cérebro",
Barbosa M. e Pussetti C. (Eds) 2021.
Edições Colibrí. Lisboa

"Untitled 1 and 2"
By Evija Laivina for the book
"Super-humanos. Desafios e limites
da intervenção no cérebro",
Barbosa M. e Pussetti C. (Eds) 2021.
Publisher Colibrí. Lisboa



"Flamingo"
Everything is Going to Be Awesome
series, 2019, Evija Laivina



Evija Laivina

Essay & Portfolio

10

Chiara Pussetti de uma entrevista
com Evija Laivina



Aceda aqui
à entrevista
Access the
interview
here

Evija Laivina's three photographic projects are Beauty Warriors, F.A.T., and Everything Is Going to Be Awesome. The projects investigate emerging trends and beauty technologies and its consequences for how we perceive beauty and our self-image. Beauty Warriors features a weird range of beauty gadgets, ranging from a device that claims to 'iron' wrinkles to a double chin exerciser that claims to eliminate neck fat. Other devices include an eyebrow applicator, which claims to offer you perfectly shaped brows, and a cheek slimming exercising mouthpiece, which claims to help you seem younger and give you more definition in your cheekbones. She emphasises the absurdity of some beauty gadgets by juxtaposing classic portraiture with weird plastic contraptions affixed to the faces of the models.

Laivina's projects are ongoing, started from 2017. She is interested in exploring woman's role in the society, body issues, self-acceptance, and beauty impact on success and mental health. She does not use professional models; instead, the people that pose for her photos are family members, friends, and everyday people who were invited to participate in the project through social media calls. She likes interacting with the sitter and frequently collaborates with them.

Laivina's photographic projects attempt to challenge our perceptions of beauty and our own self-image; via her images, she challenges the notion that beauty can be reached by technology and invites us to explore the repercussions of this trend. She also wishes to inspire people to appreciate their own attractiveness and embrace their natural features.

Her work has been recognised and awarded with the LensCulture 2018 Portrait Prize, as well as being nominated for the Henry Nannen Journalism Award in Germany in 2019.



"The Bags"
Everything is Going to Be Awesome
series, 2019, Evija Laivina







"Untitled"
Everything is
Going to Be
Awesome series,
2019, Evija
Laivina



"Lip Pump
Procedure"
Everything is
Going to Be
Awsome series,
2019, Evija
Laivina



"Bling"
Everything is
Going to Be
Awesome series,
2019, Evija
Laivina



"Face Measuring
Tool", Beauty
Warriors series,
2017, Evija
Laivina



"Colour Therapy
Mask"
Beauty Warriors
series, 2019
Evija Laivina



"Anti Double
Chin Bandage"
Beauty Warriors
series, 2018
Evija Laivina



"Cheek Slimmer
With Pump"
Beauty Warriors
series, 2017
Evija Laivina



"Cheek Slimmer"
Beauty Warriors
series, 2018
Evija Laivina



"Face Slimmer"
Beauty Warriors
series, 2017
Evija Laivina



"Black Anti
Wrinkle Mask"
Beauty Warriors
series, 2017
Evija Laivina

Jessica Ledwich

Essay & Portfolio

Chiara Pussetti de uma entrevista
com Jessica Ledwich

Her photographic series *Monstrous Feminine* offers a compelling analysis of the beauty standards that women are expected to conform to in contemporary society. Through a series of striking and often unsettling images, Ledwich presents a critique of the way that beauty standards can be both oppressive and empowering, and explores the complex relationship between beauty and femininity.

Jessica Ledwich is an Australian artist and photographer whose work is primarily concerned with exploring the intersection between beauty, identity, and gender. Among her most acclaimed works is *Monstrous Feminine*, a series that explores the concept of femininity as monstrous and uncanny and presents a critique of the way that beauty standards can be both oppressive and empowering. The notion of the 'Monstrous Feminine', as coined by feminist theorist Barbara Creed in her book *The Monstrous-Feminine: Film, Feminism psychoanalysis*, explores the importance of gender in the construct of woman's monstrosity. Creed, who used it to describe the way that female monsters in horror films, present women as embodying fears and anxieties about femininity and female sexuality. In Ledwich's work, however, the monstrous feminine takes on a more nuanced and complex meaning. Rather than simply representing a source of fear or anxiety, the monstrous feminine becomes a symbol of the contradictions and ambivalences that underpin contemporary beauty culture. Through a collection of thought-provoking images, Ledwich challenges traditional notions of beauty, gender, and power, inviting the viewer to reconsider their assumptions about what it means to be a woman.

The *Monstrous Feminine* series is grounded in the idea of the uncanny. The term "uncanny" was popularised by Sigmund Freud, who described it as the feeling of unease we experience when something familiar seems strange or unsettling. Ledwich explores this along with the idea of "the abject", a term coined by psychoanalyst Julia Kristeva to describe the representation of women that are rejected by society. In *Monstrous Feminine*, Ledwich creates images that are simultaneously familiar and unsettling, tapping into this sense of the uncanny to challenge our preconceptions of femininity.

One of the most striking features of *Monstrous Feminine* is the way in which Ledwich subverts traditional beauty standards. Rather than depicting conventionally attractive women, she presents her subjects in ways that are often bizarre and unsettling. In one image, a woman is casually exfoliating her legs in the bath with an industrial sander, while in another she almost comically squeezes herself into a pair of too small underwear. These images challenge our expectations of what it means to be beautiful, and highlights the bizarre and sometimes dangerous ways in which women pursue beauty.

Yet, while Ledwich's photographs may initially seem disturbing, they also possess a strange allure. There is something mesmerising about these images of women that are simultaneously monstrous and alluring. In many ways, the photographs in *Monstrous Feminine* are like modern-day sirens, drawing us in with their unsettling beauty.

Part of what makes *Monstrous Feminine* so powerful is the way in which it engages with feminist themes. By presenting femininity as monstrous, Ledwich challenges traditional patriarchal norms that have long defined women as either objects of desire or maternal figures. Womanly duties such as cooking and cleaning are interspersed with clinical petri dishes and sharp implements suggesting that there is a more complex, nuanced, and sometimes disturbing reality to femininity.

One of the most striking images in the series we see a woman lying on a table with a large gash across her chest. A pair of plastic breasts lie next to her, suggestive of breast implant surgery, or is it perhaps reconstructive? Regardless, she grips the scalpel, suggesting she has agency in this scenario.

At its core, the *Monstrous Feminine* series is an exploration of the way that beauty standards shape our understanding of femininity, and the impact that this can have on women's sense of self-worth and identity. Throughout the series, Ledwich uses a variety of techniques to create images that are simultaneously beautiful and disturbing, forcing the viewer to confront the contradictions and complexities of contemporary beauty culture. In many ways, Ledwich's photographs can be seen as a response to the male gaze. Throughout history, women have been depicted in art and media as passive objects of male desire. In *Monstrous Feminine*, Ledwich subverts this narrative by presenting women as active, powerful figures. Yet, at the same time, the images she creates are often unsettling, questioning societies view that there is something inherently monstrous about women who are in control of their own bodies and desires.



Aceda aqui
à entrevista
Access the
interview
here





"Untitled XIII"
Monstrous
Feminine series,
2022, Jessica
Ledwich



"Untitled V"

Monstrous Feminine series, 2022

Jessica Ledwich





"Untitled VII"
Monstrous Feminine series, 2022
Jessica Ledwich





"Untitled II"
Monstrous
Feminine series,
2022, Jessica
Ledwich



"Untitled VI"
Monstrous
Feminine series,
2022, Jessica
Ledwich



"Untitled X"
Monstrous Feminine series, 2022
Jessica Ledwich





"Untitled IX"
Monstrous Feminine series, 2022
Jessica Ledwich

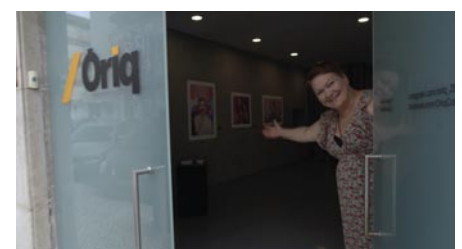
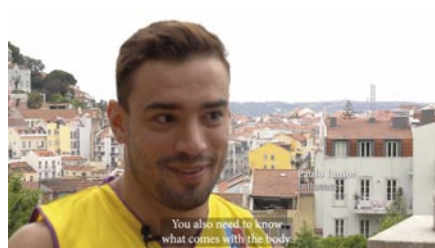
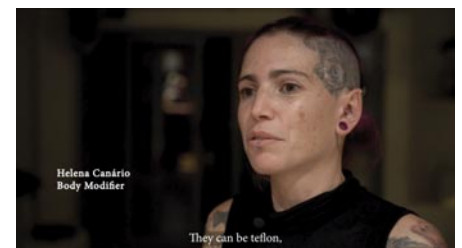
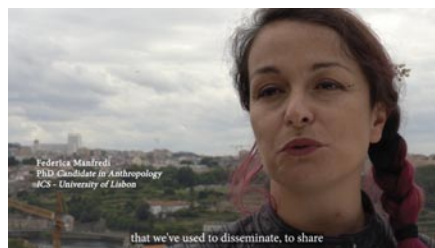
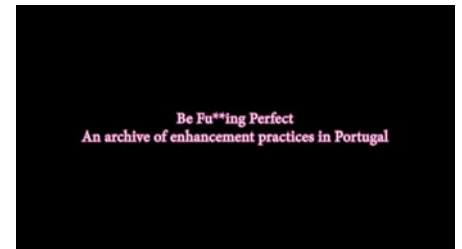
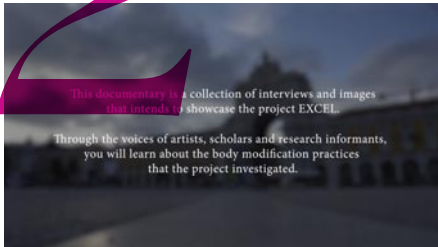




"Untitled XII"
Monstrous Feminine series, 2022
Jessica Ledwich



12



Be Fu**ing Perfect – Um arquivo das práticas de melhora- mento em Portugal

(An archive of enhancement practices in Portugal)

Um curto documentário de / [A short documentary by](#): Francesco Dragone

Duração / [Running time](#): 30 min. <https://vimeo.com/804598652>

Quando fui contactado pela Prof. Chiara Pussetti para criar “pistas visuais” para divulgar o projeto EXCEL senti-me humilde e assustado: seria eu a pessoa certa? Seria capaz de fazê-lo de forma fiel à sua pesquisa? Decidi que aceitaria o desafio - como fiz em projetos anteriores - convencido de que a minha contribuição poderia pelo menos despertar mais interesse no projeto e desencadear uma conversa frutífera. Aprendi muito, conhecendo pessoas interessantes e fazendo um documentário que superou as minhas expectativas em termos de profundidade e densidade.

Este documentário abriu as portas ao público mais curioso e atento ao meio académico e artístico que investiga o uso do corpo, para quem põe à prova o significado da beleza hegemónica e questiona o que significa envelhecer. Esta publicação ajuda a repensar o que significa “perfeição” e recentra a importância da felicidade interior e da paz, em primeiro lugar, destacando como tudo isso passa em primeiro lugar pela nossa experiência corporal.

When I was contacted by Prof. Chiara Pussetti to create “visual clues” to disseminate the EXCEL project I felt humble and scared: was I the right person? Would I be able to do so in a faithful way towards her research’s informants? I decided I would accept the challenge - as I did with past projects - convinced that my contribution could at least spark more interest about the project and elicit a fruitful conversation. I ended up learning a lot, getting to know interesting people and creating a documentary that exceed my expectations in terms of depth and density.

This documentary opened the doors to the more curious and attentive audience of both the academic and the artistic world that investigate the use of the body, for those who put to the test the meaning of hegemonic beauty and question what to age means. The publication you are reading helps to rethink what “perfection” means and brings back to the center the importance of inner happiness and peace first, highlighting how all this crosses our bodily experience first and foremost.



Aceda aqui ao
documentário
[Access the
documentary
here](#)

ficha técnica technical data

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

Be Fu**ing Perfect! The Pursuit of Excellence

APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

ICS-UL Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

CURADORIA, ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA / CURATOR, ORGANISATION & SCIENTIFIC COORDINATION

Chiara Pussetti

COMISSÃO ORGANIZADORA / ORGANIZING COMMITTEE

Chiara Pussetti, Isabel Pires, Federica Manfredi

FINANCIAMENTO / FINANCING

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia PTDC/SOCANT/30572/2017

ARTISTAS E INVESTIGADORES / ARTISTS AND RESEARCHERS

Evija Laivina, Jessica Ledwich, Chiara Pussetti, Isabel Pires,
Federica Manfredi, Francesco Dragone

PRODUÇÃO E ASSESSORIA MEDIÁTICA / PRODUCTION AND PRESS CONSULTANTS

Terra Esplêndida Produção Cultural

DESENHO EXPOSITIVO E CONCEITO GRÁFICO / EXHIBITION DESIGN AND GRAPHIC CONCEPT

António Faria, Chiara Pussetti

MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO / EXHIBITION INSTALLATION

Equipas do projecto, exposição e galeria Oriq
/ Project, exhibition and Oriq gallery teams

IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA / PHOTO PRINTING

Black Box Atelier

VINIS E IMPRESSÃO / VINYLs AND PRINTER

VPrint / Escala 3

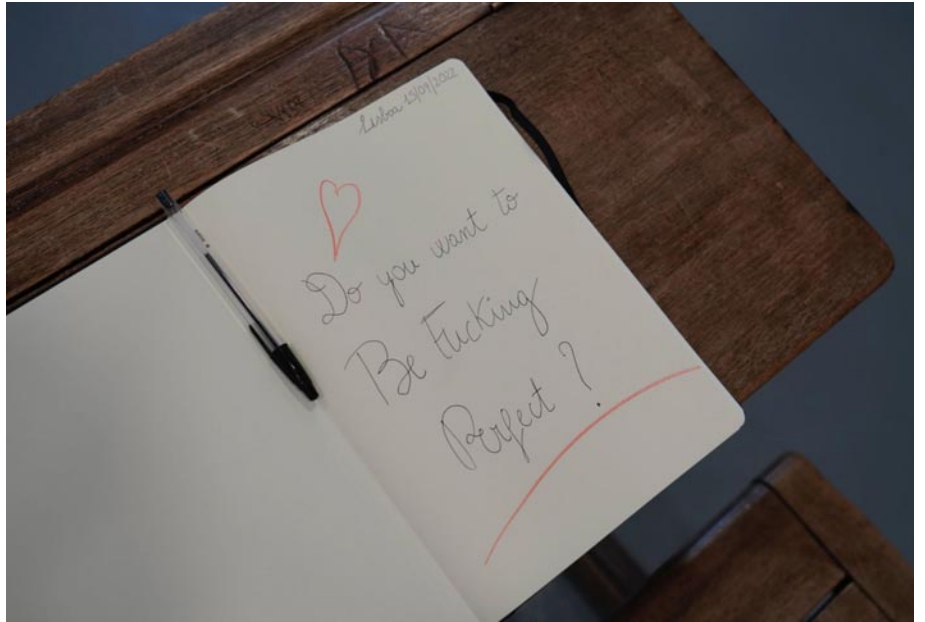
Publicações

<http://excelproject.squarespace.com/publications-copy>

EXCEL Project Publications



13



Vistas da
exposição
Exhibition
snapshots









**EXCEL. The Pursuit of Excellence.
Biotechnologies, enhancement
and body capital in Portugal**

Financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia
(PTDC/SOC-ANT/30572/2017)“

WWW.EXCELPROJECT.SQUARESPACE.COM

chiara.pussetti@ics.ulisboa.pt

Chiara Pussetti é antropóloga, artista, curadora
e investigadora no Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa. É autora de diversas
publicações sobre corpo, género, emoções, saúde
e migração.

ISBN 978-989-35508-1-6



9 789893 550816

PROJECTO
/ PROJECT

EXCEL
THE PURSUIT OF EXCELLENCE

APRESENTAÇÃO
/ PRESENTATION

ICS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FINANCIAMENTO
/ FINANCING

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PARCEIROS
/ PARTNERS

Oriq

M
FACULDADE DE
MEDICINA
LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

ADOI
ASSOCIATION OF DOCTORS OF MEDICINE
SPECIALIST IN Gynaecology and Obstetrics

SPDV
SOCIETY OF
PORTUGUESE OF
DERMATOLOGY &
VENEREAL DISEASES

PRODUÇÃO
/ PRODUCTION

TE
TERRA
LISBOA

Este volume - que reporta os resultados do projeto de investigação EXCEL The Pursuit of Excellence, coordenado pela autora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa - apresenta ambições, desejos e práticas de embelezamento e de melhoramento humano, discutindo os dramas associados à normatividade dos ideais hegemónicos de beleza e perfeição na sociedade contemporânea. Este volume nutre-se da esperança de conseguirmos num futuro próximo tornar os nossos ideais de beleza mais abrangentes e inclusivos. Para que cada pessoa possa ser como é, na sua especificidade, ocupando no mundo o espaço que quer, em liberdade.

This volume - which reports on the results of the research project EXCEL The Pursuit of Excellence, coordinated by the author at the Institute of Social Sciences of the University of Lisbon - presents ambitions, desires and practices of beautification and human improvement, discussing the dramas associated with the normativity of hegemonic ideals of beauty and perfection in contemporary society. This volume is driven by the hope that in the near future we will be able to make our ideals of beauty more inclusive and inclusive. So that each person can be who they are, in their specificity, occupying the space they want in the world, in freedom.



CRIA



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia